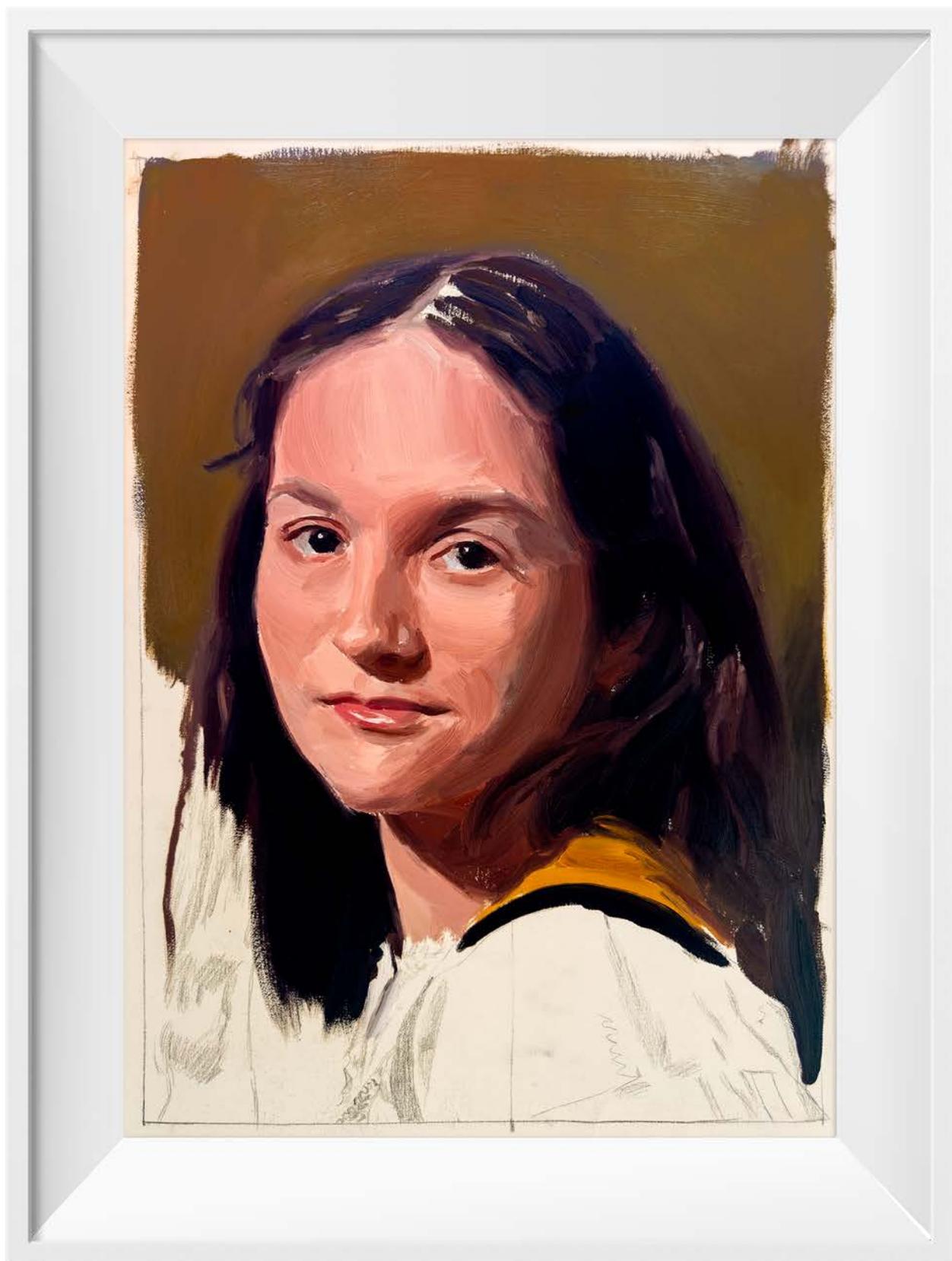


DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE





Consultoria fiscal e de gestão

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH
Duas décadas a apoiar empresas



p/ 06 e 07.

AILD em movimento, por José Governo
Trump voltou à Casa Branca, e agora? Por Cristina Passas, Presidente da AILD

p/ 12.

Grande Entrevista
Rui Vieira de Castro, Reitor da Universidade do Minho

p/ 30.

Diplomacia Modos de estranheza: escritores e diplomatas
Por Luís Filipe de Castro Mendes

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 35.

Suplemento Concurso Literário "As minhas férias em Angola"
Por Sara Nogueira

p/ 44.

Passagens Os homens que queriam ser – e foram – reis do Pegu
Por Joaquim Magalhães de castro

p/ 78.

Falar português Porque mudam as línguas?
Por Marco Neves

Obra de capa

Artista Plástico: Michael De Brito

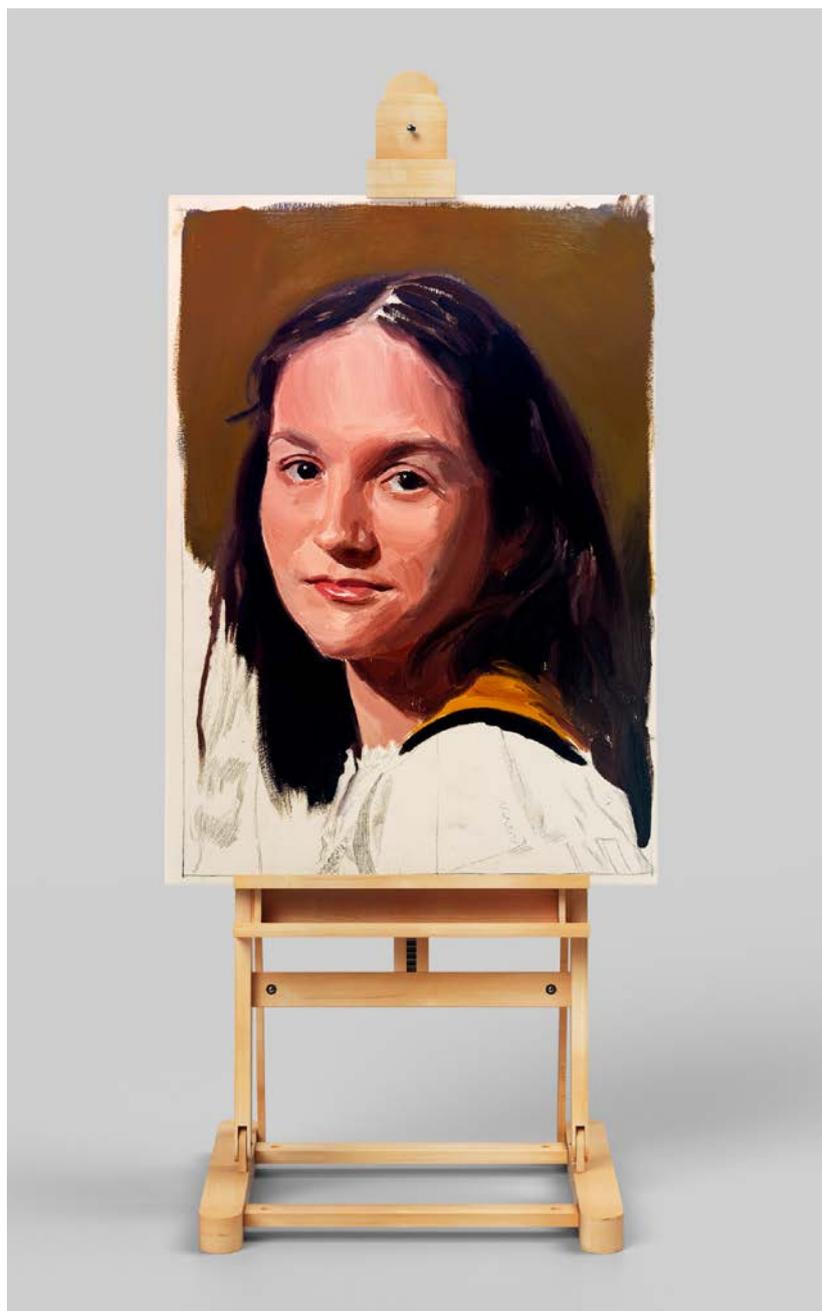
Dimensões: 40 x 30 cm

Técnica: Óleo sobre tela

Vanessa

A minha mãe vê o nascer do sol no meu rosto. Diz que os meus olhos são duas montanhas escuras entre campos iluminados em âmbar. Ela acha-me bonita, e por isso, eu também me acho. Mas a beleza só leva a mulher até certo ponto. Na minha inocência, ainda sei que o mundo é traiçoeiro para meninas como eu: confiante, compassiva e apaixonada pela liberdade. Mas o mundo também é bonito, como eu, como a minha mãe, como a mãe dela e todas as mães antepassadas que ensinaram que olhar para o amanhecer é ver Deus, olhar para Deus é ver o nosso reflexo.

Marina Carreira
escritora



obrasdecapa.pt

F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Monteiro, Carolina Cunha, Carolina Muralha, Cristina Passas, Diana Correia, Eduarda Oliveira, Flávio Alves Martins, Joaquim Magalhães de Castro, João Vieira, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marina Carreira, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Vítor Afonso | **Revisão** Daniela Sousa | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: descendencias.pt T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela

exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º2, i) e j), artigo 75º n.º2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo** ERC 127522 | **Edição** 50, fevereiro 2025 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Vanessa, é a magnífica obra que Michael de Brito nos presenteia neste mês, iluminada por um canto cintilante de Marina Carreira. Para contemplar e ler. Desfrute. A AILD já está a todo o vapor a trabalhar neste novo ano, com imensos projetos que todos devemos seguir atentamente. Temos novo presidente nos EUA e na AILD, a qual promete estar atenta ao que se passa do outro lado do Atlântico. Luis Matos é um génio português que criou a Follow Inspiration, e é de resto uma inspiração para todos nós. A Universidade do Minho orgulha-se de uma história pautada pela excelência e inovação, que a consolidou como uma das principais instituições de ensino superior em Portugal. Em entrevista exclusiva à Descendências Magazine, o Reitor, Professor Rui Vieira de Castro, partilha os desafios superados durante a pandemia, os avanços, progressos na internacionalização e os planos estratégicos para as próximas décadas. Um diplomata pode ser um escritor? E um escritor pode ser um diplomata, como Eça ou Garrett? A 3ª edição do concurso literário “As minhas Férias em... Angola”, está em destaque nesta edição com um suplemento, para ler e partilhar. Desvendamos os problemas e eventuais caminhos para os movimentos associativos das nossas Comunidades

Portuguesas (continuo a preferir ao termo diáspora), na palavra do Conselheiro Mário Botas, e Joaquim Magalhães de Castro leva-nos para terras dos “bayingis”. Revisitamos o Literanto, e o Conselho da Diáspora Portuguesa faz o balanço de 2024, agora que se inicia o novo ano. Apresentamos o talentoso Richard Towers, autor do livro-objeto, que se nunca tinha ouvido falar, vai ficar a saber tudo sobre esta ideia verdadeiramente assombrosa. Estando a Inteligência artificial na ordem do dia, alertamos para os custos ambientais pela enorme quantidade de recursos que consome e saiba todas as “usanças, préstimos e credices” das urtigas. Falamos de Sociedades Longevas, levamos os nossos leitores numa missão empresarial, e convidamos todos a contemplar o enorme talento de Luís Godinho. Mais uma admiradora conquistada Luís! Acompanhamos um casal que regressou a Portugal a “dobrar”, seguimos guiados pelo farol da nossa poetisa Isalita, e explicamos porque mudam as línguas. Por último, alertamos para os impostos ocultos, que todos nós devemos estar atentos. Edição n.º 50 com muitos e bons motivos de leitura. Continue a seguir-nos nas redes sociais, partilhem, comentem e sobretudo leiam, porque realmente, ler faz bem!



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

EM DESTAQUE

AILD em Movimento

O ano de 2024 ficou para trás e a AILD já está a todo vapor no ano de 2025, a implementar o seu ambicioso plano de atividades.

No passado dia 11 de janeiro em França, na Biblioteca da Fundação Gulbenkian e na Casa de Portugal da Cidade Universitária em Paris, realizou-se a cerimónia de entrega de prémios da terceira edição do Concurso literário “As Minhas Férias...”: ANGOLA. Na agenda do evento esteve a realização da Oficina de Escrita “Leitura e escrita: a criação de um mundo paralelo” dinamizada por Nuno Gomes Garcia, escritor e professor, e Sara Novais Nogueira, mestre em Línguas, Literaturas e Civilizações Lusófonas, ambos membros da AILD, seguindo-se a cerimónia de entrega de prémios às duas vencedoras e às seis menções honrosas. O concurso literário “As minhas férias”, que chegou a África na sua terceira edição, a Angola, foi ainda anunciado no evento que a quarta edição atravessará o continente de costa a costa, levando os jovens escritores-viajantes, até Moçambique.

O projeto cultural de promoção da escrita e da leitura em português “Literanto”, coordenado pela Sara Novais Nogueira, em França, também já arrancou no passado dia 30 de janeiro, na Maison du Portugal em Paris e foi transmitido online para os inscritos, com uma ação de formação “A Arte de Gostar de Ler – como cultivar o prazer de ler da leitura”, tendo como convidado o escritor/professor/mediador Carlos Nuno Granja, que tem vindo a desenvolver um trabalho riquíssimo em literatura infanto juvenil e em mediação da leitura.

Mas vários outros projetos estão já em preparação para avançar e dar corpo à promoção da cultura e da língua portuguesa além-fronteiras e de Portugal para o mundo, en-

volvendo as diversas delegações já criadas em vários países do mundo, envolvendo diversas associações e parceiros que com a AILD querem caminhar.

Na próxima edição teremos mais novidades, estando agendado e a ter lugar para o próximo dia 17 de fevereiro em Lisboa a tomada de posse oficial dos novos órgãos sociais da AILD eleitos no passado dia 11 de dezembro de 2024, onde também será feita uma apresentação pública do plano de atividades de 2025. Nesta iniciativa iremos simbolicamente envolver um município e convidar o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, com quem queremos estabelecer relações de proximidade e cooperação em prol de objetivos comuns, nomeadamente, o apoio às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, aos lusodescendentes e à promoção da língua e cultura portuguesa pelo mundo e na promoção e estreitamento das relações do mundo com Portugal.

Para reforçar a importância do trabalho que a AILD desenvolve em prol da promoção da língua e da cultura portuguesa, ainda recentemente lia numa entrevista publicada no Jornal Económico, de Isabel Oliveira, Presidente do Instituto do Mundo Lusófono e residente em França, que afirmava “Negociamos muito melhor na nossa língua materna do que em inglês”, reforçando ainda que “Está provado que as empresas exportam 6% a mais quando têm mais laços linguísticos”.

No dia 5 de fevereiro irá ainda acontecer uma reunião de trabalho presencial da direção da AILD a ter lugar na Fundação AEP no Porto, precisamente com o propósito e objetivo de planificar ações e projetos, considerando extremamente importante a realização deste encontro presencial no arranque do ano, do novo plano de atividades para 2025 e do novo mandato da AILD que agora inicia.



José Governo
Diretor Executivo da AILD

Na qualidade de Presidente da Associação Internacional dos Lusodescendentes, não posso ignorar a importância global das eleições presidenciais nos Estados Unidos da América, um evento que molda políticas e relações a nível mundial. Este momento, para além de marcar a escolha de um líder, reflete a direção que um dos países mais influentes do planeta pretende seguir, tanto nas suas políticas internas como nas suas interações globais.

As comunidades portuguesas nos Estados Unidos têm uma longa história de contributos culturais, económicos e sociais. Desde os Estados da Nova Inglaterra, como Massachusetts e Rhode Island, até à Califórnia, onde milhares de portugueses encontraram novas oportunidades, estas comunidades estão profundamente enraizadas no tecido americano.

A eleição do novo presidente terá impacto direto na vida dos luso-americanos, especialmente em áreas como a imigração. A continuidade ou revisão de políticas migratórias pode afetar não só os novos emigrantes portugueses, mas também os que procuram legalizar a sua situação ou trazer familiares. Apoios às Comunidades, os programas federais que apoiam pequenas empresas, educação e projetos comunitários, onde muitos portugueses estão envolvidos, poderão ser ajustados conforme as prioridades do novo governo e claro a Cidadania Global, as iniciativas de inclusão cultural e integração das comunidades lusófonas poderão ser reavaliadas, dependendo da abordagem adotada.

A relação bilateral entre Portugal e os Estados Unidos sempre foi marcada por cooperação estratégica

| A I L D

Trump voltou à Casa Branca, e agora?

em áreas como a defesa (Base das Lajes nos Açores), comércio e investimento, e a luta contra desafios globais, como as alterações climáticas. A escolha do próximo presidente determinará se essas áreas serão aprofundadas ou sofrerão alterações significativas, pois o mundo enfrenta desafios complexos que exigem liderança e cooperação internacional como as Alterações Climáticas, a Geopolítica e Segurança. Num mundo multipolar, a postura americana terá impacto direto nas relações com a Europa, NATO, inevitavelmente, com Portugal, e com a economia global, e o comércio internacional, nos quais, Portugal pode desempenhar um papel importante, onde poderão ser redefinidos em função das prioridades do novo governo americano.

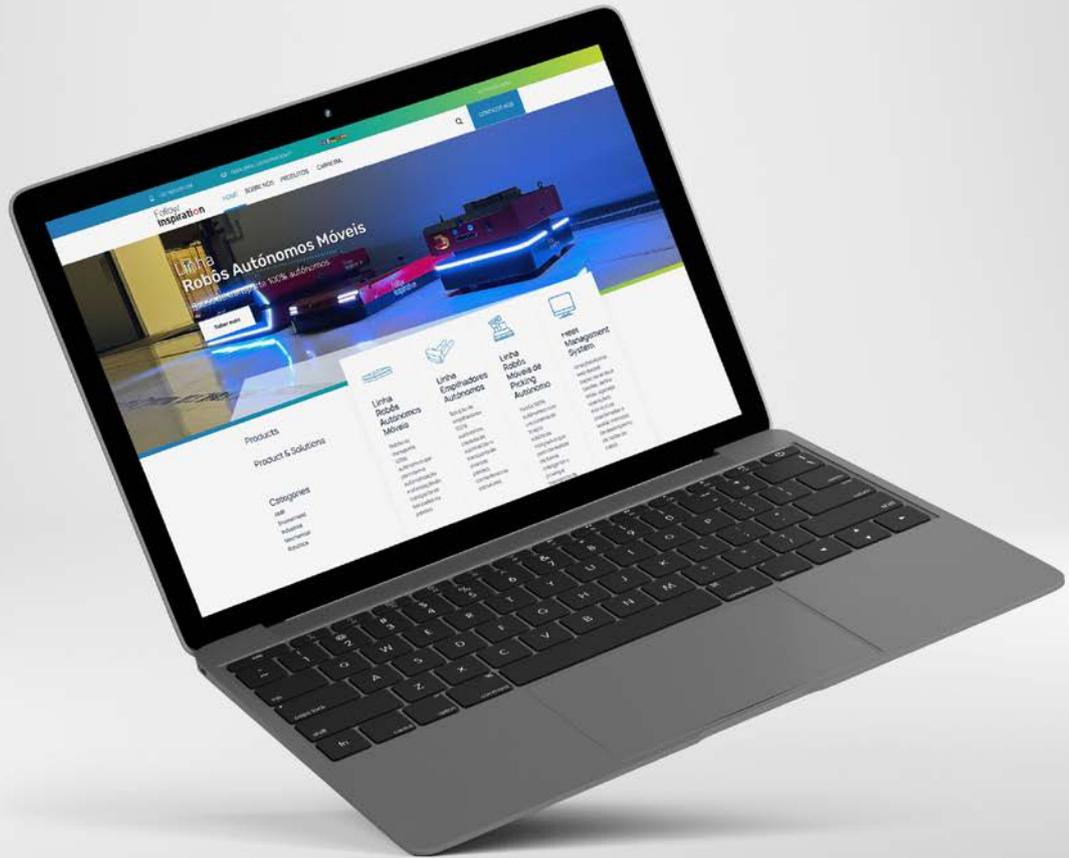
Como portugueses e como cidadãos do mundo, devemos acompanhar este processo com atenção e esperança. Independentemente de quem for eleito, é essencial que as nossas comunidades e o nosso país continuem a construir pontes, promovendo o diálogo e reforçando as relações transatlânticas que têm beneficiado ambas as nações.

A Associação Internacional dos Lusodescendentes reafirma o seu compromisso de trabalhar em prol das comunidades portuguesas, onde quer que estas se encontrem, e de defender os valores de cooperação, inclusão e solidariedade e da língua que nos une enquanto povo global.

Que o futuro traga prosperidade, paz e novas oportunidades para todos.



Cristina Passas
Presidente da AILD



EMPRESA ASSOCIADA

Follow Inspiration

Pode-nos contar um pouco sobre o seu percurso profissional do Luis Matos antes de se tornar CEO da Follow Inspiration?

O meu percurso antes da Follow é curto, porque efetivamente a Follow foi a minha primeira grande experiência profissional. Ingressei na Universidade da Beira Interior para tirar Eng. Informática e enquanto frequentava a licenciatura ia também trabalhando com alguns hotéis da região do Fundão fazendo trabalhos de design gráfico e gestão de redes informáticas. No último ano de licenciatura e como projeto de final de curso comecei o desenvolvimento do projeto wiigo que deu origem em 2012 à Follow Inspiration.

Pode contar-nos a história da Follow Inspiration e o que o levou a fundar a empresa?

A história está diretamente relacionada com a minha condição de saúde, estou em cadeira de rodas, e essa condição fez com que sentindo uma necessidade muito específica tivesse que encontrar uma solução. A dificuldade prendia-se com o facto de não conseguir transportar as minhas compras de forma independente dentro de uma superfície comercial. Sentido isto e estando eu num curso tecnológico, tentei procurar uma solução que resolvesse a situação. É aqui que nasce a ideia de criar um carrinho de compras autónomo para ajudar pessoas com mobilidade reduzida a transportar as suas compras.



Luis Matos, CEO Follow Inspiration

Quais são os principais produtos ou serviços oferecidos pela Follow Inspiration e o que os torna inovadores?

Hoje a Follow já não é a mesma se compararmos com 2012. Após a fundação a ideia era criar uma empresa de robótica com produto próprio e tecnologia própria e patenteada a partir de Portugal. Começamos por desenvolver uma tecnologia de seguimento autónomo que foi implementada no carrinho de compras, mas, também desenvolvemos o próprio carrinho de compras. Esta experiência levou-nos a consolidar conhecimentos na área do software, mas também na área do hardware e de todo o processo produtivo de equipamentos. Hoje a Follow está focada em soluções robóticas para a indústria apostando em produtos 100% autónomos e inteligentes capazes de transportar produto dos 100kg até às 3 toneladas de carga. Com isto conseguimos de forma inovadora e disruptiva criar uma dinâmica de transporte 100% autónoma e sem precisar de mudar o armazém ou a fábrica, ou seja, não é a fábrica que se adapta aos nossos robots, mas sim os nossos robots que se adaptam à fábrica.

Para além dos equipamentos em si, que são produzidos ao pormenor, a verdadeira disrupção está na inteligência que damos aos equipamentos com o nosso sistema de navegação e controlo, onde temos muito mais precisão, inteligência na perceção do meio envolvente e comportamentos de acordo com isso de forma automática. É tudo mais simples, completo e inteligente.

Qual é o papel da robótica e da inteligência artificial no futuro das soluções empresariais?

É o único caminho que as empresas podem percorrer se quiserem ser competitivas, evoluídas e com serviço ou produto cada vez melhor. Não podem ser eficientes e até reter pessoas sem percorrer esse caminho. A Robotica e a AI só vêm ajudar... tornam tarefas repetitivas, pouco produtivas e em muitos casos perigosas para a nossa saúde em algo mais eficiente, seguro e produtivo. Só temos de saber implementar bem e de forma colaborativa para que as pessoas e a robótica trabalhem em conjunto.



Pode partilhar connosco algum projeto ou inovação recente de que se orgulhe particularmente?

Podia indicar vários, mas, elenco o projeto que estamos a ter com a Sonae, que será verdadeiramente disruptivo e impactante para a entidade, porque vamos conseguir que o produto chegue desde a porta do camião que o deixa no armazém da loja até ao linear se movimento de forma autónoma e automática. Vamos deixar de ter pessoas a puxar porta paletes com 1500kg de carga. Mas temos outros exemplos como projetos para a VW-AE, Continental Advanced Antena onde fazemos transporte e picking de produtos de forma autónoma, até à Howa Tramico, Yazaki, Cork Supply ou Colep que estão com processos de implementações de soluções nossas.

Como vê a evolução da Follow Inspiration?

Como indiquei, a Follow de hoje não é a mesma dos 5 anos iniciais. Os 5 anos iniciais foram acima de tudo para criar es-

truturas internas, criar tecnologia, conhecimento de mercado, cultura, etc. Os primeiros 5 anos deram-nos esse conhecimento todo que fez com que a Follow tivesse a tecnologia que tem hoje e que esteja preparada para escalar produto para a indústria. Indústria essa altamente exigente.

Há alguma parceria futura que esteja particularmente entusiasmado em anunciar?

Temos de ter confidencialidade nos nossos processos. Mas repito o nome Sonae. Durante 2025 vamos mostrar muitas coisas.

Como sente a portugalidade? É um tema presente na sua empresa?

A premissa de criar uma empresa de robótica do zero e com capacidade produtiva e tecnologia própria é precisamente para defender essa portugalidade. Em Portugal não havia



empresas produtoras de robótica. E, portanto, sempre foi algo que passei para as equipas como sendo importante. Estamos a construir algo único a partir de Portugal.

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como vê este projeto e quais as vossas expectativas?

Interligar pessoas com experiências distintas é fundamental. Não podemos criar nada verdadeiramente global se conti-

nuarmos fechados no nosso quintal, e portanto, parcerias e networking é o único caminho para termos sucesso todos.

Tendo em consideração que esta entrevista será lida por muitos empresários espalhados por todo o mundo, que palavras deixaria sobre a AILD relativamente a esta plataforma global?

Não tenham medo de conversar, de partilhar as dores, de crescermos em conjunto. Plataformas como esta da AILD são o ponto de encontro de todos nós.



João Vieira

Diretor Geral AILD - Negócios & Empresas

DESCENDÊNCIAS
MAGAZINE

GRANDE ENTREVISTA

RUI VIEIRA DE CASTRO

REITOR DA UNIVERSIDADE DO MINHO

A Universidade do Minho celebrou recentemente 50 anos de história, um marco que convida à reflexão sobre as lições do passado e os desafios do futuro. Em entrevista, o Professor Rui Vieira de Castro, reitor da instituição, destacou como a universidade se tornou um exemplo de integração interdisciplinar, qualificação dos seus recursos humanos e inovação no ensino. Agora, num contexto de rápidas transformações tecnológicas, sociais e ambientais, a UMinho projeta um futuro assente na flexibilidade organizacional, na aprendizagem ao longo da vida e na articulação com a sociedade, mantendo-se fiel à sua missão de ser um farol de conhecimento, inclusão e sustentabilidade.



© Vera Bondar

Quando assumiu a reitoria da Universidade do Minho, num período de grandes desafios para o ensino superior, incluindo o impacto da pandemia, mudanças no financiamento universitário e a crescente pressão para a internacionalização, que balanço faz do seu mandato até agora e quais foram os momentos mais desafiantes que moldaram a sua visão para a universidade?

Diria que, de facto, os anos da pandemia foram extremamente desafiantes. Naturalmente, todos os períodos de crise financeira, que vamos periodicamente conhecendo, arrastam consigo desafios importantes para a universidade. Mas o que a pandemia trouxe de diferente foi que acabou por interpelar aspetos normais do funcionamento da universidade. A universidade, tal como a conhecemos, como um espa-

ço em que, de forma presencial, estudantes interagem com professores, professores interagem com outros professores, e há toda uma estrutura de recursos humanos de suporte à atividade de ensino, mas também de investigação, viu todos estes modelos de funcionamento radicalmente colocados em causa. A instituição, a Universidade do Minho e as outras universidades, de alguma forma, viram-se obrigadas a reinventar-se, de forma a que, numa circunstância muito desafiante, pudessem manter um rumo em correspondência com aquilo que é o mandato que lhes é conferido. Estas instituições têm, como se sabe, a missão de prover educação superior às novas gerações, assegurar o alargamento das fronteiras do conhecimento humano e interagir com entidades do nosso contexto, de modo a desempenhar um papel ativo na promoção do desenvolvimento social, económico e cultural. Todos





os modelos habituais de funcionamento ficaram, de repente, em causa.

A capacidade que as instituições demonstraram de se adaptarem rapidamente às novas circunstâncias foi a comprovação de que a plasticidade das universidades é uma característica fundamental, associada, evidentemente, à percepção de que a sua atividade é essencial para o desenvolvimento de um país e de uma região. Portanto, quando olho agora retrospectivamente, considero que esse foi, de facto, o momento mais difícil. Mas diria que, nesse contexto especialmente exigente, as universidades souberam reagir. E a forma como reagiram foi prova da sua maturidade e do seu compromisso com as pessoas, com a sociedade, com a economia e com o país.

O seu percurso enquanto professor catedrático e investigador é amplamente reconhecido, com contributos significativos na área da Educação e Linguística. Como tem a sua experiência académica influenciado a forma como aborda os desafios administrativos e estratégicos enquanto Reitor da UMinho?

Essa é uma boa pergunta. Naturalmente, provenho de uma área de saber que podemos, de forma muito genérica, caracterizar como Ciências Sociais e Humanas. A minha formação é, antes de mais, em Humanidades, com posteriores especializações na área da Educação. E não posso negar que essa formação me confere um olhar específico sobre o mundo e sobre aquilo que é a nossa realidade, seja em contexto local, regional, nacional ou internacional. Essa formação também influencia a forma como percebo a instituição “universidade”. Eu diria que, estando em boa companhia, porque sei que estou, e em linha com os estatutos da Universidade, a visão que procurei transpor — e continuo a procurar transpor — é a de uma instituição que, por exemplo, esteja muito atenta à formação das pessoas nas múltiplas dimensões que constituem cada um de nós. Nós não somos apenas sujeitos profissionais; somos também sujeitos culturais e éticos. Estas diversas dimensões do humano devem impregnar toda a atividade educativa que a Universidade desenvolve.

No domínio da investigação, percebemos que há hoje expectativas muito fortes relativamente ao impacto que as universidades podem ter no desenvolvimento

económico. No entanto, é crucial nunca esquecer que faz parte da missão das universidades perceber, ajudar a compreender e refletir sobre tudo aquilo que é humano e o contexto do humano. Para mim, o perfil de universidade que a Universidade do Minho assume — o de uma universidade completa, que opera em vários domínios do saber — deve materializar-se numa valorização efetiva das áreas das Ciências Sociais e Humanas. São áreas que, mesmo não gerando produtos ou processos novos de forma imediata, têm um enorme potencial transformador pela sua capacidade de nos ajudar a pensar o mundo e a nós próprios. Nesse sentido, a minha formação de base não é indiferente ao modo como encaro o papel que a Universidade deve desempenhar.

O terceiro eixo da missão das universidades, a participação no desenvolvimento regional e nacional, para mim, foi sempre claro. Sempre tive a convicção — e a minha prática reflete isso — de que a Universidade deve ser um ator na promoção do desenvolvimento económico, mas também na promoção do desenvolvimento social e cultural. Diria que esta visão é premiada pela minha formação de base e pelo conjunto de formas de olhar para o mundo e para as instituições.

Durante o período em que liderou a rede CRUSOE, foram desenvolvidas várias iniciativas que visaram reforçar a cooperação transfronteiriça na área do ensino e investigação. Na sua visão, quais foram os contributos mais significativos desta rede para a promoção da integração e do desenvolvimento regional? Que projetos ou boas práticas concretizadas no âmbito da CRUSOE poderiam servir de modelo para outras regiões europeias?

Estamos a falar de uma dimensão que considero fundamental as universidades desenvolverem: a internacionalização. A universidade é, por definição, uma instituição aberta à comunicação com outras instituições semelhantes, com as quais partilha objetivos, modos de organização, formas de trabalho e preocupações. Nesse sentido, sempre entendi que a universidade deveria reforçar a sua presença em redes. A participação em redes é fundamental para o desenvolvimento do projeto universitário.

Atualmente, temos uma presença bastante ativa na Associação Europeia de Universidades, que congre-



© Vera Bondar

ga cerca de 900 universidades e é verdadeiramente a voz das universidades europeias. Mas, por outro lado, a Universidade do Minho também pretende integrar redes de outra natureza. A Arqus – European University Alliance e a CRUSOE são dois bons exemplos.

A CRUSOE é uma rede de universidades do norte e centro de Portugal e de um conjunto de regiões autónomas de Espanha. Um número significativo de instituições organiza-se em torno de um objetivo comum: apoiar os governos regionais e as estruturas de governação no desenvolvimento de projetos de desenvolvimento regional. Este elemento é particularmente distintivo desta rede. Essa intenção é materializada desde logo através de um apoio muito forte na elaboração das estratégias de desenvolvimento inteligente de todas estas regiões. Seja na Galiza, Astúrias, Cantábria ou na região Norte de Portugal, as universidades atuam em conjunto para prestar apoio às lideranças regionais na definição das suas estratégias. Não conheço outra rede de universidades que se organize em torno deste objetivo, e os resultados obtidos têm sido muito positivos. Existe a expectativa de contribuir para

que este conjunto de regiões se constitua como uma macro-região com uma voz forte junto da Comissão Europeia. Este é um exemplo do impacto que instituições podem ter ao organizarem-se em função de objetivos diversos e relevantes.

A UMinho tem sido apontada como uma universidade inovadora e orientada para o futuro. Qual é a sua visão sobre o papel que a UMinho deve desempenhar no contexto do ensino superior em Portugal, especialmente na articulação com políticas públicas para a educação e ciência?

O papel de uma instituição de ensino superior constrói-se à luz daquilo que é a sua história, da sua realidade e também da projeção do futuro. Para a Universidade do Minho, é muito claro o papel que a instituição deve ter como entidade inovadora nas várias dimensões da sua atividade. Quando hoje, no plano da educação, seja ao nível da formação de primeiros ciclos, licenciaturas, mestrados, mestrados integrados ou doutoramentos, desenhamos uma nova oferta educativa, procuramos que esta corresponda às necessidades social-



© Vera Bondar

mente pressentidas ou manifestadas. Temos uma orientação para a construção de uma oferta educativa que seja inovadora, distinta e capaz de responder às necessidades emergentes. Recentemente, abrimos uma licenciatura em Engenharia Aeroespacial e um mestrado na mesma área. Porquê? Primeiro, porque percebemos que esta é uma área de formação com futuro e procurámos que estas opções considerassem as estratégias assumidas pelo próprio país. Fomos igualmente sensíveis ao contexto europeu, onde esta área começa a ter uma expressão muito relevante, criando novas oportunidades para a economia portuguesa que irão requerer profissionais qualificados. Sabemos, igualmente, que a formação qualificada deve assentar numa investigação sólida desenvolvida pela instituição. Assim, a articulação entre educação e investigação é uma preocupação contínua da nossa parte. A UMinho distingue-se, no contexto nacional e até europeu, pelo contínuo esforço em construir redes de relações com entidades externas, sejam do setor económico, social ou cultural. Costumo referir que a Universidade do Minho, enquanto instituição aberta, deve estar disponível para construir

ativamente essas relações e procurar impacto. Ter impacto é transformar qualitativamente. Se analisarmos o município de Braga, por exemplo, destacaria a parceria exemplar no setor automóvel com a Bosch, que tem gerado resultados amplamente reconhecidos, seja em termos de impacto na economia, na geração de emprego qualificado ou mesmo no emprego científico. Fazendo educação tal como é definida e promovendo investigação de ponta, estamos continuamente a procurar impacto transformador nos três setores-chave: economia, sociedade e cultura.

Em tempos de transformação digital, as universidades enfrentam o desafio de modernizar métodos pedagógicos para atender às expectativas de uma geração digitalmente nativa. Que medidas a UMinho tem adotado para renovar as práticas pedagógicas e que resultados têm observado na aprendizagem dos estudantes?

Os desafios associados à transformação digital, ou transição digital, residem sobretudo na sua velocidade. O ritmo a



© Vera Bondar

que estas transformações ocorrem é alucinante. Diria que há dois anos pouco falávamos dos impactos da Inteligência Artificial nas práticas de educação e formação. Hoje, é um tema quente. Percebemos que as mudanças em curso terão impactos duradouros. Do ponto de vista das universidades, os avanços tecnológicos têm provocado uma profunda transformação nas formas de relação entre as pessoas e o conhecimento. Como a universidade articula pessoas e promove o diálogo em torno do saber, estas mudanças impactam profundamente a sua essência. Além disso, as universidades são ativamente envolvidas neste processo de transformação, tanto pelas pessoas que formam e qualifi-

cam quanto pela investigação que desenvolvem.

Em Portugal, os principais investigadores em Inteligência Artificial estão, fundamentalmente, dentro das universidades. Este cenário impõe uma responsabilidade adicional às instituições para repensarem práticas pedagógicas, relações interpessoais e formas de interagir com o conhecimento. Por exemplo, os desenvolvimentos em IA desafiam práticas tradicionais, como os métodos de avaliação, exigindo revisões à luz destas novas realidades.

Na UMinho, estamos empenhados na transformação e inovação pedagógica. Criámos grupos internos com papel ativo nesta temática e participamos em vários projetos nacionais e



© Vera Bondar

internacionais voltados para a capacitação dos nossos professores, adaptando-os às novas realidades. Estas iniciativas são centrais para continuarmos a promover o desenvolvimento ético, cultural, profissional e científico dos nossos estudantes.

A UMinho tem expandido a sua oferta formativa para incluir cursos direcionados a profissionais em diferentes etapas da carreira. Como a universidade está a responder à crescente procura por programas de educação ao longo da vida e qual é a sua visão para o papel das universidades neste contexto?

Começaria por afirmar que as universidades não podem deixar de encarar a formação ao longo da vida como uma parte essencial da sua atividade educativa. Nós formamos e graduamos pessoas ao nível das licenciaturas, mestrados e doutoramentos. Contudo, cada vez mais, devido às rápidas mudanças nos mercados de trabalho, as universidades são convocadas a oferecer formação contínua, voltada para a atualização de competências e saberes.

Na Universidade do Minho, temos uma longa tradição na oferta de cursos direcionados para profissionais, geralmente de curta duração e não conferentes de grau. Estes cursos são focados em pessoas já inseridas no mercado de trabalho. Atualmente, estamos a reorganizar essa oferta, aproveitando programas nacionais como o Programa de Recuperação e Re-

siliência (PRR). Desenvolvemos um programa com mais de 100 cursos de formação não conferente de grau, especificamente direcionados para profissionais.

Para garantir que esta formação é realmente relevante, trabalhamos em estreita articulação com uma vasta rede de entidades parceiras, incluindo empregadores. Estas parcerias permitem-nos desenhar e desenvolver cursos que atendem de forma precisa às necessidades do mercado de trabalho. Todas as áreas de formação da UMinho estão envolvidas neste programa ambicioso, que visa alcançar um grande número de estudantes e oferecer uma formação alinhada com as exigências atuais. Embora o núcleo central da nossa atividade continue a ser os cursos graduados — licenciaturas, mestrados e doutoramentos —, reconhecemos que a formação ao longo da vida é cada vez mais indispensável. Como tal, continuaremos a atender às novas necessidades das pessoas que já estão a desenvolver as suas carreiras profissionais.

O financiamento das universidades públicas tem sido tema de debate recorrente. Qual a sua visão sobre o atual modelo de financiamento e que mudanças considera necessárias para garantir que instituições como a UMinho possam inovar e crescer de forma sustentável?

Nos últimos 15 anos, a Universidade do Minho tem-se destacado pela sua capacidade de inovar e crescer. Vivemos,



© Vera Bondar

contudo, uma situação paradoxal. Ao crescer, a universidade respondia à maior procura social, acolhendo mais estudantes que procuravam o ensino superior. Naturalmente, os custos também aumentavam com o crescimento do número de estudantes, mas nunca vimos esse aumento de procura refletido no financiamento atribuído pelo Orçamento de Estado. Ao longo de muitos anos, esta foi uma das minhas principais batalhas. Era necessário acabar com práticas que considerava iníquas e que resultavam, por exemplo, em diferenças incompreensíveis no investimento do Estado por estudante, que podia ser o dobro ou o triplo noutras instituições em comparação com a Universidade do Minho. Este efeito afeta-

va três ou quatro universidades e exigiu uma grande luta para convencer os responsáveis políticos de que era impossível manter esta situação.

Felizmente, há cerca de dois anos, a situação mudou. Foi reconhecida a injustiça do modelo de financiamento adotado anteriormente. Hoje temos um modelo mais transparente e escrutinável, no qual sabemos exatamente o que nos é devido e o que recebemos. A Ministra Elvira Fortunato, no governo anterior, estabeleceu regras claras de financiamento, sensíveis ao número de estudantes, e o atual Ministro Fernando Alexandre reiterou o compromisso com a manutenção desse modelo.



© Vera Bondar

O modelo atual baseia-se essencialmente no número de estudantes e inclui também um fator relevante, que é o custo associado às áreas de formação. O que poderá ainda estar em falta é a introdução de critérios de qualidade, como a eficiência formativa, a qualidade da investigação realizada e o envolvimento dos estudantes em atividades de pesquisa. Estes são elementos que podem aperfeiçoar a fórmula em vigor.

A UMinho é reconhecida pela sua investigação de ponta em áreas como biomedicina, materiais avançados e sistemas de informação. Pode partilhar como a universidade tem conseguido atrair financiamento competitivo e consolidar a sua posição enquanto líder nestes domínios?

Estes resultados prendem-se, fundamentalmente, com duas características: a qualidade dos grupos e a excelência dos investigadores. Formamos pessoas altamente qualificadas e atraímos talentos de grande qualidade. Além disso, conta-

mos com estruturas adequadas, como os centros de investigação ou as unidades orgânicas que apoiam estas atividades. A valorização da investigação pela universidade é outro fator crucial. Redes de colaboração, tanto internacionais quanto nacionais, também desempenham um papel essencial nesse sucesso.

Projetos como as colaborações com a Bosch e a Sonae são frequentemente destacados como exemplos de boas práticas. Como avalia o impacto destas parcerias na competitividade e inovação regionais? Há planos para expandir este modelo para outras áreas de atuação?

Certamente. A excelente experiência com a Bosch e a Sonae só nos motiva a desejar que estes exemplos se multipliquem. Para que isso aconteça, é fundamental reconhecer o valor acrescentado que resulta da colaboração entre a universidade e as empresas em atividades de desenvolvimento e inovação.



© Vera Bondar

Temos exemplos concretos que demonstram os benefícios económicos, sociais e na qualidade do emprego proporcionados por estas parcerias. Na minha equipa reitoral, há um pró-reitor dedicado ao desenvolvimento de relações com empresas, refletindo a nossa convicção de que esses exemplos devem multiplicar-se.

Relatórios recentes da Comissão Europeia destacam a competitividade e a inovação como fatores-chave para o desenvolvimento económico. A investigação científica desempenha um papel central nesse processo. É crucial que tanto os responsáveis empresariais quanto os decisores políticos compreendam essa importância e atuem de forma consequente. A inovação é, sem dúvida, um poderoso motor de fortalecimento da nossa economia.

A UMinho é um pilar para o desenvolvimento das regiões de Braga e Guimarães. Pode descrever iniciativas recentes que destacam a colaboração entre a universidade e os municípios, tanto na área do conhecimento como em projetos culturais e sociais?

Vou abordar, por um lado, a questão do conhecimento e, por outro, a atividade cultural. Estamos envolvidos em vários projetos com a Câmara Municipal de Guimarães. Um deles é o “Guimarães Space Hub”, um hub do espaço que integra componentes de formação e visa promover investigação e inovação. Este projeto pretende também atrair empresas ligadas às novas indústrias do espaço.

Outra iniciativa é o Fibernemics, que se concentra na cria-



© Vera Bondar

ção de soluções inovadoras e no desenvolvimento de novos processos e produtos na área das fibras. Este é um exemplo notável de colaboração entre o poder local, representado pela autarquia, a universidade, enquanto produtora de conhecimento, e as empresas, mesmo num território predominantemente constituído por pequenas e médias empresas.

Na área cultural, destaco os Encontros da Imagem, um dos principais eventos de fotografia em Portugal. Esta iniciativa resulta de uma estreita colaboração entre a entidade Encontros da Imagem, a Câmara Municipal de Braga e a Universidade do Minho. Estes são apenas alguns exemplos de como a integração entre autarquias e universidade é essencial para concretizar o nosso objetivo de sermos um motor de desenvolvimento regional. Para nós, é muito claro que as autarquias são parceiros fundamentais.

A UMinho integra redes como a Arqus e a CRUSOE. Que benefícios concretos estas redes têm trazido para a universidade, em termos de oportunidades para estudantes e investigadores? Há projetos internacionais recentes que gostaria de destacar?

A Arqus é a rede onde a universidade mais tem investido e da qual pode, naturalmente, retirar maiores benefícios. Esses benefícios manifestam-se, desde logo, no âmbito da mobilidade de estudantes, investigadores, professores e pessoal não académico, que podem circular dentro desta rede, usufruindo de experiências diversificadas e enriquecedoras. Estamos a falar de universidades de grande qualidade, que oferecem oportunidades valiosas para o desenvolvimento profissional e pessoal.

Mas os ganhos não se limitam à mobilidade. Recentemente, lançámos um programa de mestrado em cibersegurança, uma área crítica para muitas instituições, que envolve várias universidades da aliança Arqus. Além disso, no domínio da investigação, temos projetos partilhados por diversas instituições, beneficiando de um movimento constante de troca de experiências, incluindo formas inovadoras de interação com entidades locais e de apoio ao desenvolvimento regional. A Aliança Europeia de Universidades visa, precisamente, uma maior integração entre as instituições que a compõem. O objetivo é alcançar uma taxa de mobilidade em torno de 50%, incluindo mobilidade física e virtual. Para os estudantes, a

oportunidade de frequentar três ou quatro das nove universidades que integram a Arqus, convivendo com colegas de diferentes países e conhecendo novos contextos acadêmicos, representa uma mais-valia significativa. Para a universidade, esta rede proporciona um contexto de maior coesão e compromisso no desenvolvimento de projetos partilhados, reforçando a sua posição no panorama europeu.

Como avalia o posicionamento de Portugal no ensino superior global? Quais os passos que a UMinho tem dado para competir com as melhores universidades do mundo, especialmente no contexto europeu?

Portugal ainda enfrenta desafios significativos no ensino superior global. Não temos nenhuma universidade nas 100 primeiras posições dos principais rankings internacionais. Embora se possa argumentar que os rankings nem sempre refletem as realidades contextuais ou utilizam critérios claros, eles continuam a ser indicadores importantes da maturidade e do desenvolvimento das instituições, e Portugal não surge bem neste retrato. No entanto, há sinais encorajadores. Contamos com meia dúzia de universidades com desempenhos que se comparam favoravelmente com outras instituições europeias. Nas últimas décadas, temos assistido a transformações importantes, como o fortalecimento do corpo de investigadores profissionais e a avaliação da produção científica por padrões internacionais. Por exemplo, investigadores em várias universidades têm obtido bolsas do European Research Council, que são extremamente competitivas. Na Universidade do Minho, 55% do orçamento provém de receitas próprias geradas pela instituição, o que surpreende muitos dos meus colegas europeus. Ainda assim, gostaria de ver um maior investimento público nas universidades, acompanhado de um sistema de maior responsabilização. Defendo a criação de contratos-programa que dotem as instituições

de recursos financeiros adequados, em troca de compromissos concretos para o desenvolvimento do país. Estou convicto de que as universidades estão preparadas para assumir esse desafio.

O Contingente Especial para Lusodescendentes tem permitido a integração de jovens das nossas comunidades nas universidades portuguesas. Que impacto esta medida tem tido na UMinho?

Ainda não atingimos a expressão desejada com este contingente, em parte devido a problemas financeiros e burocráticos, como a questão dos vistos. Frequentemente, estudantes admitidos nos nossos cursos enfrentam atrasos na obtenção dos vistos, chegando ao país com os cursos já em andamento ou, em alguns casos, desistindo. Apesar das conversas prolongadas com sucessivos governos para agilizar este processo, ainda não alcançamos uma solução satisfatória. As segundas e terceiras gerações de lusodescendentes são um público estratégico para a universidade. Iniciativas realizadas em países como os Estados Unidos ou na Europa podem ser muito promissoras. Contudo, reconheço que o trabalho feito até agora é insuficiente, e há um esforço significativo que ainda precisa de ser realizado para reforçar esta integração.

A UMinho celebrou recentemente o seu 50.º aniversário. Que lições do passado orientam as decisões para o futuro? Quais são os objetivos estratégicos para os próximos 10 anos?

Os 50 anos de uma instituição são um marco simbólico que convida a dois movimentos importantes: olhar para o passado, visitar a trajetória percorrida e compreender os desafios superados, e projetar o futuro com base nessa história e no contexto atual. Ao refletir sobre a história da UMinho, acredito que o nível de excelência que alcançamos seria difí-





© Vera Bondar

cil de imaginar para os seus fundadores. Quais são as grandes lições aprendidas? Em primeiro lugar, a integração das várias áreas do saber foi uma decisão estratégica fundamental. A consciência de que articulamos melhor as necessidades do país no campo da educação, da ciência e da inovação ao trabalhar de forma interdisciplinar tornou-se uma orientação-chave. Outra lição essencial foi o investimento na qualificação dos recursos humanos. Nas duas primeiras décadas, a aposta no recrutamento e na formação de profissionais em centros de excelência internacionais – particularmente na Europa e na América do Norte – foi determinante para afir-

mar a universidade como referência. Além disso, a abertura ao exterior desde cedo permitiu que a UMinho ultrapassasse os seus próprios muros. Isso traduziu-se na identificação de problemas reais, na aposta em áreas estratégicas e na criação de respostas inovadoras que moldaram o seu papel no panorama nacional e internacional.

Por fim, a ênfase na inovação no ensino tornou-se uma marca distintiva da UMinho. Essa inovação vai além dos programas curriculares, abrangendo a organização, a avaliação das aprendizagens e a autoavaliação dos cursos, assegurando uma melhoria contínua na qualidade formativa.



© Vera Bondar

Para terminar, que papel acredita que a UMinho deverá desempenhar nas próximas décadas, especialmente num contexto de rápidas transformações tecnológicas, ambientais e sociais? Que contributos considera essenciais para que a universidade continue a ser um farol de inovação, sustentabilidade e inclusão no futuro?

O futuro exige uma reflexão sobre a organização interna da universidade, já que a estrutura influencia diretamente os seus resultados. Acredito que a UMinho deve caminhar para uma maior autonomia institucional e para modelos organizacionais mais flexíveis. Isso permitirá responder de forma mais ágil às mudanças tecnológicas, sociais e ambientais que moldam o nosso tempo. Na educação, será essencial reforçar a oferta formativa não conferente de grau, promovendo a aprendizagem ao longo da vida. Isso implica explorar modalidades diversificadas de ensino – presenciais, à distância, híbridas, de curta ou longa duração – focadas em competências específicas e adaptadas às novas exigên-

cias do mercado e da sociedade. Essa transformação já está em curso na UMinho, refletindo um esforço contínuo de reconfiguração educativa.

No plano da investigação, prevejo que seremos cada vez mais desafiados a produzir conhecimento que tenha impacto imediato na inovação e na economia. Isso poderá dar protagonismo a determinadas áreas, mas o grande desafio será preservar a identidade da UMinho como uma universidade completa, valorizando igualmente áreas como o Direito, as Ciências Sociais, as Humanidades, a Educação e a Psicologia. O reforço das articulações interdisciplinares será fundamental para responder às exigências futuras sem comprometer essa diversidade. Finalmente, espero e acredito que a UMinho continuará a aprofundar o seu diálogo com a sociedade, a região e o país. O nosso compromisso deve ser o de interpretar e responder aos desafios e aspirações das pessoas, organizações e comunidades, mantendo-nos como um parceiro estratégico no desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Obras de Capa

6 anos

A promover arte, artistas, escritores e a língua portuguesa

Carlos Farinha
Ismaël Sequeira
Erika Jâmece
Sónia Aniceto
João Timane
Marcelo Panguana
Cristina Troufa
Pedro Almeida Maia

DIPLOMACIA

Modos de estranheza: escritores e diplomatas

A variante do escritor-diplomata faz confusão. Que quer esse estranho animal de duas cabeças? Não lhe bastaria uma, como aos outros mortais? Mas se contamos na literatura universal negociantes de vinhos, inspetores dos monumentos históricos, caçadores de baleias, jogadores cobertos de dívidas, empregados de seguros, detetives privados e mesmo grandes criminosos, porque seria negado esse privilégio aos diplomatas?

Embaixador-escritor italiano Maurizio Serra

Os sucessos na carreira e êxitos diplomáticos destes seres bicéfalos têm sido muito diversos e variáveis. Para não citar o caso extremo de Dante, que, após a missão diplomática que conduziu em Roma, foi condenado pela sua cidade de Florença a ser queimado vivo, sorte a que escapou pelo exílio, encontramos percursos bem diferenciados, desde Chateaubriand, que foi embaixador na Santa Sé e depois Ministro dos Negócios Estrangeiros de França, grandezas a que ele não nos poupa nas suas vaidosas, mas geniais, *Mémoires d'Outre Tombe*, a *Stendhal*, que nunca passou de cônsul em Civitavecchia e era azedamente repreendido quando era apanhado pelo

seu ministro em Paris, fora do posto (o que aconteceu muitas vezes).

Mas para além das diferentes apreciações que o poder político faça dos seus diplomatas-escritores (que, como vemos, podem oscilar entre a imolação pelo fogo e a atribuição das maiores honrarias e responsabilidades) existe do outro lado o juízo que a comunidade literária (os pares escritores do diplomata-escritor) tende a fazer destas figuras. E essa valoração é também bem diferenciada.

Para começar com um caso sugestivo, tomemos como ponto de partida uma frase de um manifesto surrealista de 1925 que, ao atacar um grande poeta

francês, Paul Claudel, então embaixador no Japão, tecia as seguintes considerações:

Para nós não pode haver equilíbrio nem grande arte. Há muito que a ideia de Beleza está caduca. Só fica de pé uma ideia moral, como por exemplo que não se pode ser ao mesmo tempo embaixador e poeta.

E este manifesto lembra-nos que, apesar de Octavio Paz e de João Cabral de Melo Neto, de Paul Claudel e de Pablo Neruda, a ideia de um poeta a exercer funções de representação do Estado provoca ainda resistências e reacções “dos dois lados da barricada”, por as-

sim dizer. Para uns, a ideia de “poeta” remete para uma conotação estereotipada a um irresponsável que vive no mundo dos sonhos e das ilusões e que não revela assim capacidade para assumir a defesa rigorosa e pragmática dos interesses políticos, económicos e sociais do Estado, que um diplomata tem por missão...

Para outros, o poeta só pode ser um “maldito”. Avesso aos ritos e às normas sociais, em oposição radical a todos os poderes e instituições, ele (ou ela) só pode viver à margem, junto do excesso, da marginalidade ou da loucura. Dessa concepção faz-se eco o manifesto surrealista acima citado. Que Wallace Stevens tenha sido diretor de uma companhia de seguros, Fernando Pessoa empregado de comércio, T.S. Eliot funcionário de um banco ou Gottfried Benn médico de um hospital não os interessa nem demove desta ideia, digna de um ultra-romantismo exacerbado, mas que os surrealistas de 1925 (e eram Aragon, Breton, Éluard, Artaud, Bousquet, Desnos, alguns dos maiores poetas franceses do século passado) perfilharam, ao ponto de responderem o seguinte a Claudel, depois de ele, justamente para mostrar que um poeta pode ser também um homem prático, gabar os êxitos da sua, como se diria hoje, “diplomacia económica”:

Nós declaramos considerar a traição tudo o que, de uma forma ou outra, possa atingir a segurança do Estado, bem mais conciliável com a poesia do que a venda de “grandes quantidades de toucinho” por conta de uma nação de porcos e de cães.

E, com efeito, na entrevista a que este manifesto reagia, o poeta-embaixador

Paul Claudel, para mostrar bem a sua capacidade e eficiência nesta área económica, que sempre foi importante na vida diplomática (nós não inventámos nada), dizia expressamente:

Durante a guerra, fui à América do Sul (estive em posto no Rio de Janeiro) para comprar trigo, carne em conserva e toucinho para o nosso Exército e fiz ganhar ao meu país duzentos milhões.

Não é fácil, portanto, ser aceite pelos dois mundos. Para um lado da barricada, uns “parvos duns poetas ou uns loucos” (citando a “Gazetilha” de Pessoa/Campos) que vieram meter-se em assuntos de gente séria. Para o outro lado, qualquer diplomata que exerça funções públicas está forçosamente comprometido com o poder, corrompido pelo Estado e pelas suas mordomias, constituindo assim exatamente o inverso da imagem aurática da poesia concebida por esses poetas. E ai dele se vai a ministro!

Não se diga, porém, que os diplomatas beneficiaram na sua carreira com o estatuto de escritores ou os escritores aumentaram o seu êxito com a qualidade de diplomatas. Começando pela nossa casa, como veremos adiante, Garrett teve uma carreira conturbada pelas suas opções políticas, Eça teve uma normal carreira de cônsul, que começou por um dos piores postos (Havana) e terminou no melhor (Paris), António Feijó passou quase toda a sua vida diplomática em Estocolmo, após ter sido brevemente e sem entusiasmo cônsul no Brasil e António Patrício teve igualmente uma carreira mediana, entre Cantão e Caracas, passando brevemente por Londres e não chegando a ocupar, por morte,

o lugar de ministro em Pequim – mas essa mediania conheceu o sobressalto da perseguição política, quando a ditadura de Sidónio Pais o afastou temporariamente da carreira diplomática.

Com exceção do Quai d’Orsay no período entre as duas guerras, onde, na sequência de Claudel, os chamados “Berthelot boys” (Paul Morand, Jean Giraudoux e, sobretudo, Alexis Léger, conhecido enquanto poeta como Saint-John Perse), sob a égide do secretário-geral Philippe Berthelot, constituíram um real grupo de poder e influência dentro do Ministério e deram até origem a uma moda literária que o crítico da época Albert Thibaudet qualificou como “littérature à la valise” (referindo-se por esta expressão à “mala diplomática”) e com exceção também da América Latina, onde grandes escritores como o já citado Octavio Paz, mas também Ruben Dário, Miguel Angel Astúrias, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Alejo Carpentier, Jorge Edwards, foram prestigiados embaixadores dos seus países, não vemos que as duas cabeças (na expressão de Maurizio Serra) se ajudem muito uma à outra. Com exceções de peso – certamente Claudel, mas sobretudo Saint-John Perse.

Ao ler a exaustiva biografia que lhe foi dedicada por Renauld Meltz, não ficamos com qualquer dúvida de que o embaixador Alexis Léger e o poeta Saint-John Perse souberam muito bem estender a escada um ao outro – Léger longos anos como secretário-geral do Quai d’Orsay, sucedendo a Berthelot, mas não querendo seguir o seu antecessor no incentivo aos escritores da diplomacia, antes pelo contrário; Saint-John Perse a dever sem dúvida em alguma coisa o Prémio Nobel da Li-



teratura às pressões diplomáticas do seu amigo Secretário-Geral das Nações Unidas, o sueco Dag Hammarskjöld.

Ao contrário de outros diplomatas, como Morand, que escolheram Pétain e a colaboração, Alexis Léger emigrou durante a Segunda Grande Guerra para os Estados Unidos, onde cometeu um erro político fatal para a sua carreira: frontalmente hostil a De Gaulle, veio influenciar Roosevelt na funda hostilidade que o Presidente americano sempre sentiu pelo líder da Resistência e futuro Presidente da França, hostilidade que só a influência de Churchill (que não era um incondicional, longe disso, do general De Gaulle, mas que queria, com realismo e visão, manter a França como potência europeia aliada no pós-guerra) logrou demover. Naturalmente, após a libertação da França, Léger, embora nunca tenha sido um colaboracionista, afastou-se da diplomacia, por ser radicalmente incompatível com Charles de Gaulle.

Compreende-se que poucos anos depois do regresso de De Gaulle ao poder e com o gaullista André Malraux candidato ao mesmo Prémio Nobel, a decisão da Academia Sueca, sempre avessa às influências diretas das capitais, de premiar Saint-John Perse não tenha caído bem junto do governo francês. Este poeta-diplomata podia estar em desgraça como diplomata, mas ficou em graça como poeta.

O Brasil teve no Itamaraty aquele que é, a meu ver, o maior prosador da língua portuguesa no século XX, João Guimarães Rosa. Rosa era diplomata de carreira, foi cônsul em Hamburgo e depois ocupou altas funções no Ministério. Também dois

dos maiores poetas de sempre da língua portuguesa, João Cabral de Melo Neto (que foi embaixador em Dakar e cônsul no Porto e me aconselhou pessoalmente a ser sempre cônsul e nunca embaixador, a bem da poesia) e Vinicius de Moraes (expulso da carreira pela ditadura militar) foram membros da carreira diplomática brasileira.

Em Portugal, a ligação entre diplomacia e literatura aponta-nos sempre em primeiro lugar para a figura do ilustre membro da carreira consular (na altura separada da carreira diplomática) José Maria Eça de Queirós. Quis sempre ser cônsul, recusou uma hipótese (aliás, remota) de vir a ser embaixador no Brasil e António Nobre, que o visitou em Paris, descreveu a sua atividade consular como resumida a vir assinar o expediente ao consulado no fim da manhã. Trata-se, a meu ver, de uma injustiça. Eça levou muito mais a sério a profissão do que se pensa geralmente e quer os relatórios consulares que escreveu, quer a correspondência sobre o empréstimo que foi negociar a Londres estão aí para o testemunhar. O que se passou foi que Eça não escondeu o seu pouco interesse pela poesia de Nobre – e isso é algo que um poeta nunca pode perdoar! Grande amigo de António Nobre, coube ao poeta e diplomata Alberto de Oliveira, fundador do chamado “neo-garrettismo”, vingar-se da geração de Eça no seu livro muito crítico *Eça de Queirós* (1919).

Quanto a Almeida Garrett, por pouco tempo encarregado de negócios em Bruxelas e autor de uma inteligente análise de política internacional que é o *Portugal na Balança da Europa*,

a sua hostilidade aos cartistas e à Rainha D Maria II afastou-o de mais altos voos na diplomacia. Tinha acabado em 1835 de ser transferido de Bruxelas (onde foi completamente afastado das negociações relativas ao casamento da Rainha D. Maria II, o que sofreu com amargura) para ser colocado em Copenhaga, quando a Rainha, num seco despacho, o demitiu sumariamente. Mais tarde, chegou a ser ministro dos Negócios Estrangeiros num governo de Saldanha, mas apenas durante exatamente treze dias, de 4 a 17 de Agosto de 1852. Teve uma ativa e brilhante vida pública, mas arredada da diplomacia.

Foram muitos os portugueses que uniram as condições de escritores e diplomatas, desde o Padre António Vieira e a Marquesa de Alorna, passando por Alberto de Oliveira, Guerra Junqueiro, Manuel Teixeira Gomes, Abel Botelho (estes três últimos nomeados embaixadores em 1911, pela recém-instaurada República Portuguesa), António Patrício, António Feijó, António Ferro, Guilherme de Castilho, Armando Martins Janeira, Albano Nogueira, Marcello Mathias/Pablo La Noche, Marcello Duarte Mathias, Álvaro Guerra, José Fernandes Fafe, José Augusto Seabra, Paulo Castilho.

Há que distinguir, porém, entre os escritores cuja profissão foi a diplomacia e os escritores chamados a exercer funções diplomáticas pelo seu prestígio literário ou pelo seu perfil político. Eça tinha a carreira como ganha-pão,

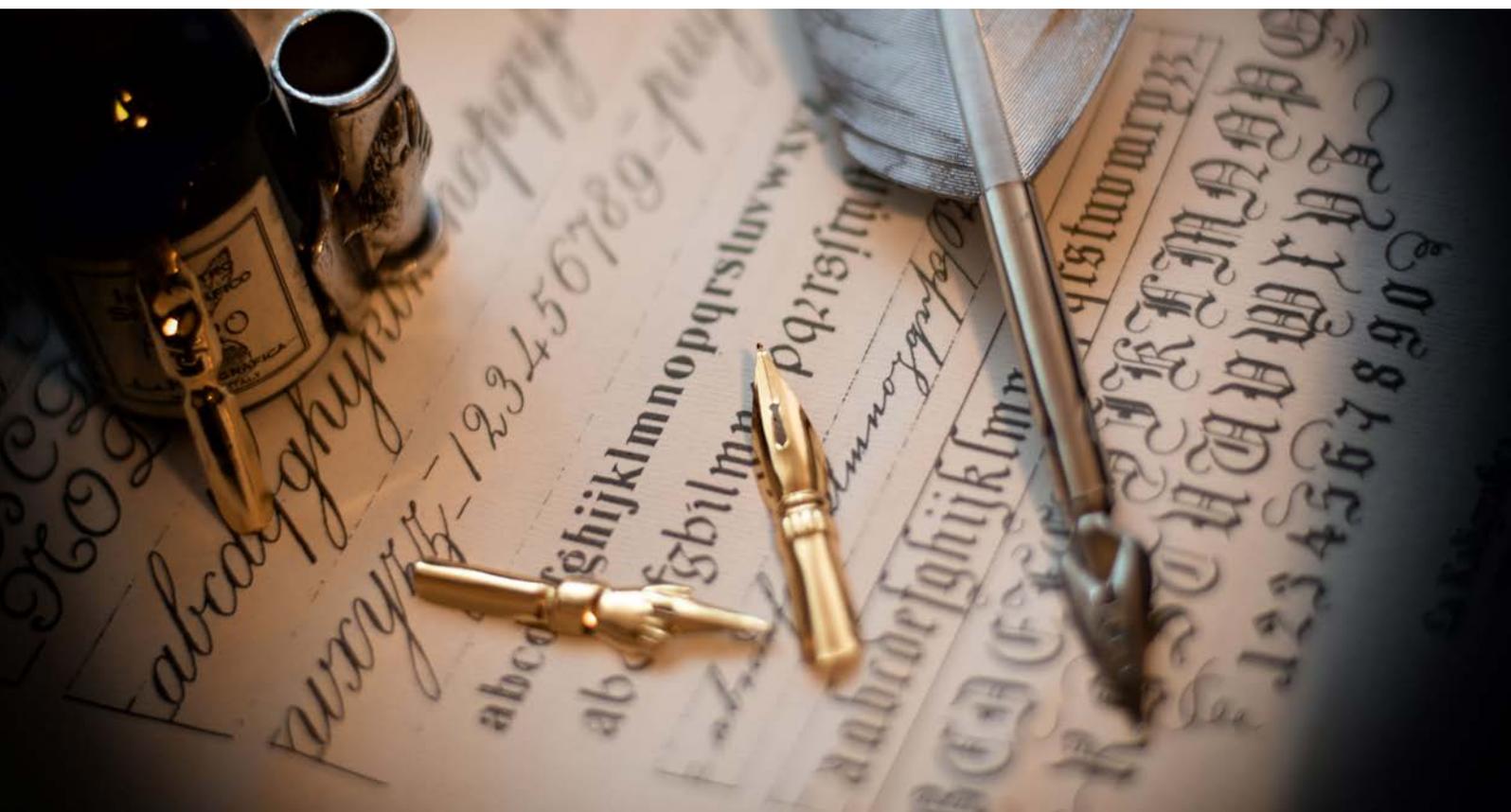
Garrett foi diplomata enquanto político ativo.

Em ambos os casos temos personalidades de escritores confrontados com a experiência da vida diplomática em todas as suas servidões e grandezas.

Não se diga que estas criaturas escolheram como modo de vida essa *ociosidade paga* que o jovem Eça de Queirós nas *Farpas* considerava ser a vida diplomática (mal paga embora, como numa outra *Farpa* ele reconhece). A experiência sempre incide na escrita, mesmo que se não queira mostrar. Seguindo, porém, o critério de ligação profissional à diplomacia, teríamos de distinguir os casos de Eça de Queirós, Alberto de Oliveira, António Patrício, António Feijó, Guilherme de Castilho, Armando Martins Janeira, Albano Nogueira, Marcello Mathias/Pablo la Noche, Marcello Duarte Mathias e Paulo Castilho (escritores-diplomatas por opção profissional) dos demais nomes acima referidos (escritores-diplomatas por nomeação política).

Mas qualquer que tenha sido o seu modo de nomeação, o escritor que é ao mesmo tempo diplomata ganha uma experiência de mutação e estranhamento que forçosamente se irá repercutir na sua escrita, mesmo que não o queira fazer transparecer.

Temos de reconhecer, porém, que é mais naqueles que tiveram a diplomacia como escolha de vida profissional que essa experiência veio produzir efeitos mais duradouros nas suas obras.





Assim, na poesia de António Patrício e de António Feijó o “estranhamento” surge através da transposição poética ora de um cosmopolitismo com ares de Europa (Patrício) ora de um exotismo oriental (o Feijó do *Cancioneiro Chinês*), ambos bem enraizados na estética finissecular que ambos autores partilham.

Certamente não é privilégio dos diplomatas, antes comum aos “estrangeirados”, ganhar a capacidade de olhar de fora para dentro como quem sabe que está ao mesmo tempo fora e dentro e em nenhum lugar totalmente. O mesmo “estranhamento” encontramos num Fernando Pessoa (é verdade que enteado de um cônsul e por isso educado na África do Sul...), num Rodrigues Miguéis, num Jorge de Sena. O mesmo “estranhamento” que encontramos na poesia de Patrício e Feijó, nos romances de Paulo Castilho, nos diários e memórias de Marcello Duarte Mathias.

Que nos dá a carreira de diplomata que a estranheza da nossa distância de nós próprios nos não tenha já oferecido (e por isso escrevemos)? Talvez um olhar mais ciente e cúmplice do mundo dos outros e da identidade dos homens por cima de todas as suas diferenças. O olhar de compreensão profunda, que nos aparece como premonitória, de um Claudel na China ou a identificação de um António Feijó com os poemas chineses que traduziu a partir de uma outra tradução – tudo são modos de aprender a olhar a partir do olhar dos outros, aprendizagem a que a carreira diplomática obriga, mesmo que muitos a não alcancem. Porque, afinal, como nos lembra o grande poeta espanhol António Machado:

*El ojo que ves no es
ojo porque tú lo veas
es ojo porque te ve*



Luís de Castro Mendes
Embaixador

FEVEREIRO 2025

DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE

S U P L E M E N T O

Concursos Literários



aild
associação internacional
dos lusodescendentes

Patrocinador



MAISON DU PORTUGAL
ANDRÉ DE GOUVEIA
CITÉ INTERNATIONALE
UNIVERSITAIRE DE PARIS



FONDATION
CALOUSTE GULBENKIAN
DELEGATION EN FRANCE

| SUPLEMENTO

Concurso Literário

As minhas férias em...

A N G O L A

O concurso literário “As Minhas Férias” começou em Portugal, passou pelo Brasil e este ano teve como destino Angola. Estando na sua terceira edição, esta culminou com a entrega de prémios no passado dia 11 de janeiro, na Casa de Portugal – André de Gouveia e com uma oficina de leitura e escrita criativa, na Biblioteca Calouste Gulbenkian Paris.

Após a realização da oficina, que demorou certa de uma hora, houve um lanche bem “português” oferecido pela Casa de Portugal – André de Gouveia. O culminar desta atividade deu-se com a entrega dos prémios aos vencedores e aos jovens que receberam menções honrosas, na sala da Casa de Portugal – André de Gouveia e com a leitura de alguns dos textos premiados. Houve um prémio para cada categoria (infantil e juvenil) e três menções honrosas (também com prémio) para cada categoria. Nesta oficina sugerimos aos participantes que partissem do poema do 1º verso do canto I dos “Lusíadas” de Luís Vaz de Camões (depois da leitura ter sido feita pela Sarah Luz, que esteve connosco online) e que, a partir da 3ª estrofe lhe dessem um destino diferente. Sugerimos também às famílias para que, no final, lessem em conjunto o que escreveram. Realizaram textos muito variados e

criativos e boas leituras. Os textos foram muito heterogéneos e, tal como referiu uma colega da Biblioteca Gulbenkian, seria interessante colocá-los num espaço específico e visível para todos e para que não fiquem apenas naquelas quatro paredes e naquele momento, mas, antes pelo contrário, que possam voar por aí e quem sabe motivar outros jovens a fazê-lo. Este concurso tem-se revelado um sucesso, cada vez com mais participantes e um maior nível de qualidade nos textos recebidos. No entanto, devo frisar que, mais importante do que ganhar, é participar. Contudo, uma constatação que temos vindo a fazer é que, a maior parte dos textos, são de jovens que moram em França. É certo que a implicação dos professores da CEPE – Coordenação do Ensino de Português em França tem tido um peso bastante importante e relevante, mas este concurso é para todos os jovens de origem lusófona que estejam a viver fora do país das suas origens. Apelamos, assim, para que outros jovens de outros países participem. A implicação não só dos professores, mas também das famílias, é essencial para a realização deste concurso. Não só o professor tem um papel importante, mas as famílias são a parte mais

importante e essencial para que haja o gosto e o interesse em aprender a língua portuguesa, seja por que motivo for. Para participar neste concurso consultem o regulamento, e concorram! O regulamento podem encontrá-lo neste link: <https://asminhasferias.pt/>.

Aproveito para dizer que também temos a categoria “universitário” para jovens dos 17 aos 21 anos que queiram participar. O objetivo principal deste concurso é fomentar o gosto pela escrita e pela leitura da língua portuguesa. Mas tem também um lado didático de pesquisa histórica e civilizacional riquíssimo. Como diz o meu colega Nuno Gomes Garcia, escritor e coordenador deste concurso literário: “Isto é a prova de que este tipo de eventos de criação literária tem uma enorme importância para as crianças e jovens lusofalantes que vivem fora dos respetivos países de origem. E essa importância é múltipla: desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita em língua portuguesa, alargamento da mundividência histórica, geográfica e cultural sobre os países de língua oficial portuguesa e, claro, o saciar da sede de curiosidade intelectual que os mais jovens, se bem estimulados, são capazes de demonstrar”. Sobre os vencedores desta edição tivemos, na categoria infantil, a Paloma Ribeiro Sousa como primeiro prémio, com uma poesia sem título e como menções honrosas o Thomas Valseth com o texto “O desaparecimento do Welwitscha”, Ayrton Guibert com o texto “O menino do Petróleo”, e Charlotte Doherty com uma poesia sem título. Na cate-

goria juvenil, o primeiro prémio foi para a Sofia Vincent com um texto sem título, e como menções honrosas, o Manuel Quero com “O Paraíso que cega, a realidade que clama”, a Maria Bardou com “Um incidente na floresta” e a Lara Janeco Varandas com “Lembranças de felicidade”. Quero aproveitar para agradecer à AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes – por proporcionar esta oportunidade de alargar os horizontes de aprendizagem da língua portuguesa a estes jovens, à Leya pelo apoio e contributo com a oferta dos livros para os vencedores e para as menções honrosas, aos nossos parceiros que apoiam este projeto, a Casa de Portugal – André de Gouveia, e a Biblioteca Calouste Gulbenkian – Paris, ao júri que se dedicou ao trabalho de leitura e seleção dos textos, ao meu colega e mentor deste projeto Nuno Gomes Garcia e à nossa Embaixadora Sarah Luz e à sua mãe, Susana Santos. A Sarah Luz participou como Embaixadora deste concurso (foi o primeiro ano que participou com esse novo estatuto no concurso, mas já tem participado com outras atividades). A Sarah Luz tem um canal Youtube chamado “Poesia de cor” onde cita/lê em voz alta literatura lusófona. Para terminar queria deixar uma frase/lema, que é “nosso (AILD)”: todos juntos vamos mais longe. Quanto ao próximo destino, para quem quiser começar já a dar asas à imaginação e à pesquisa, será Moçambique. Leia, investiguem, sejam criativos, mãos ao trabalho e asas à imaginação!



Sara Nogueira

Mediadora de Leitura/Autora do projeto Literanto



*Em Angola, o sol brilha forte,
O céu é azul, que sorte!*

*Na cidade de Luanda eu brinquei,
muitas cores e risos encontrei.*

*O kuduro, o merengue e o semba,
ritmos que me diverti a dançar.
Na conhecida festa da Quianda,
fiquei até me cansar.*

*Vi a Palanca Negra
animal bonito e especial,
corri pela savana,
como ela não há igual.*

*Visitei as quedas de Kalandula,
cada lugar uma nova aventura.
Angola é linda, maravilhosa,
cheia de magia e ternura.*

*Agora as férias terminaram,
Mas as memórias sempre ficarão
Levo Angola dentro de mim
Um país tão belo, sem fim!
Não há quês, nem porquês
No meu coração,
sempre o português!*

Paloma Sousa
1º prémio infantojuvenil



Assim que a porta tranca, desmorono na cama, exausto. Sangue escorre, sujando meu paletó e não sinto nada dos meus braços até meu pescoço. Parece que alguém botou fogo à minha cabeça, nem dormir eu consigo.

Finalmente, após o que é mais semelhante a 5 horas que 3 minutos, reúno as forças e consigo me arrastar até o chuveiro. A água quente dói nas feridas que cobrem meu peito, ainda assim, esfrego rigorosamente, deixando cair um pequeno rio de sangue que passa através do ralo, apagando qualquer traço da minha missão 'As minhas férias em Angola'.

Atrás da fumaça, vejo aparecer uma mensagem no vidro entre a condenação:

'MISSAO FRACASSADA, BLUESTAGE JAMS, 11:30'

Chego cedo ao Bluestage Jams, pego uma mesa lá atrás, e acendo o meu charuto Bolivar. O clube está quase no escuro, salvo algumas velas e a luz das cigarras. O caminhão da Light já passou sem resolver o apagão. Eu sei que foram Eles que apagaram as luzes, para não serem vistos na escuridão da noite. Quando aplaudo os músicos que acabaram de tocar Blue Train, ele já está sentado do meu lado.

"Me surpreendo de te ver aqui, camarada."

Fumo meu charuto e aproveito o tempo para falar, sem pressa nenhuma.

"Não vir seria inútil, Eles me achariam em qualquer lugar do mundo. Não há como fugir." Ficamos no silêncio durante alguns momentos, até que ele me olha e pergunta:

"Como foram as suas férias em Angola?"

Não falo nada, focado nos sons da banda que recomeçou.

"Por que não mataste a mboa?"

Penso um pouco até responder:

"Não sei claramente porquê. Desde o começo da minha carreira, sempre tive o sangue frio, com o dedo no gatilho pronto para atirar. Mas quando a vi na parada militar, ela se virou

para o lado e riu. Um riso tão simples, quase vulgar que contrastava com a beleza tão pura dela. Me lembrou Ela. Ela que conheci antes que era só uma arma da Organização, antes que brincava com a vida das pessoas como se fossem bonecas."

Ele não hesita em me dizer, após acender um cigarro:

"Neste trabalho, temos que erradicar toda última gota de humanidade do nosso corpo. Se uma morre, salva milhões."

"Pois bem," eu respondo, "o alvo, a menina, me lembrou Ela, e Ela me lembrou minha humanidade. Por um minuto, era uma pessoa de novo. Perdi meu coração de pedra, Ele o transformou em coração."

Passa um tempo, meu charuto vira pó, o cigarro dele vira nada. De baixo da mesa, ele aponta a pistola na minha perna, apontando para o meu peito.

"Me desculpe, camarada, sabias que eu teria que fazer isso."

Olhamos para a banda que está fazendo um solo de saxofone. Eu falo para ele:

"Sabias que eu tocava saxofone? Era um pequeno gênio, a tia Azira sempre falava que eu seria famoso pelo mundo inteiro. Mas bom," olho pro meu anel da Organização, "é a vida né?" Arranco o anel do dedo e o coloco no cinzeiro.

"O nome dessa minha tia tão querida significa 'a que tem muitas vidas'. Ela seguia o Candomblé Banto e falava que os que não cumpriam o seu destino passavam pelo àtúnwa, se reencarnando. Talvez ela tenha razão, e irei voltar para essa Terra que não aproveitei, ser só um homem como qualquer outro, com um saxofone e um amor."

A música está quase terminando.

"Te perdoo amigo. Sei que é só o trabalho, a missão. Adeus compadre, acho que foste um dos únicos a quem confiei minha vida, agora lhe confio minha morte. Só deixa esse jazz terminar, este lindo jazz que escuto desde a infância, este lindo jazz de Luanda."

Com lágrimas molhando o terno, ele dispara a pistola.

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

O associativismo como um desafio para a diáspora na Alemanha



Num artigo do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas publicado no Portugal Post em novembro de 2024, pode-se constatar que a nova emigração urbana que vem

para a Alemanha ou para outros países europeus, é muito diferente da primeira, no que se refere à importância que dão aos centros e associações da nossa Diáspora.

Verificou-se que nos últimos 10 a 15 anos, os filhos da pequena e média burguesia urbana (principalmente de Lisboa e Porto), começaram a sair do país e por esse motivo o Secretário de Estado assinalou ser necessário trabalhar em duas vertentes: junto dos muitos milhões de lusodescendentes espalhados pelo mundo e, também dos novos emigrantes, principalmente nos países com níveis de participação mais escassas.

Consequentemente fala-se de um trabalho que tem de ser levado a cabo, e onde ao mesmo tempo se tem também que assumir algum desconhecimento em relação à forma como se pode e deve lidar com estas realidades.

Nota-se que é muito difícil chegar a estas comunidades para dar o apoio social onde este é mais necessário, assim como para divulgar a língua e cultura portuguesa. É uma matéria complexa que o governo português tem de se debruçar para desenvolver estratégias que possam enfrentar com sucesso estes desafios

Uma coisa é certa, uma intervenção no sentido de mobilizar 600/700 representantes da diáspora para suplantar dificuldades, isolamentos e falta de articulação entre as diversas entidades, assim como criar redes indispensáveis à escala global, não irão simplificar nem conceber soluções e caminhos eficientes para enfrentar estas problemáticas.

Há que perceber que a dita emigração da população portuguesa de perfil “rural” exerceu um contributo muito importante para a criação dos centros e associações portuguesas. Mas existe um motivo para que tal tenha acontecido: nas suas terras de origem, vilas e aldeias espalhadas pela província, estes emigrantes rurais conheceram e frequentaram os centros comunitários com as suas diversas atividades, sustentadas e apoiadas em boa parte pelas juntas de freguesia e câmaras municipais, sendo que muitos destes centros tinham e têm múltiplas atividades e boas estruturas.

Chegados à “floresta estranha”, os emigrantes portugueses, tal e qual como conheciam das suas terras, criaram os seus centros comunitários para se auxiliarem mutuamente e para manter as suas “plausibilidades culturais”.

A única diferença é que nunca tiveram presidentes das juntas de freguesia e presidentes das câmaras municipais a ajudar.

Assim sendo e enquanto existirem, estarão vocacionadas para si mesmas.

Seria completamente irreal e ingénuo pensar convencer estes centros a fazer atividades de serviço social ou atividades culturais portuguesas com algum nível, não só vocacionada para a sua própria comunidade como também para a população do país onde vivem e trabalham, sem que recebam em troca uma série de contrapartidas que os motivem.

O nosso povo simples não foi enculturado e socializado no sentido de possuir um nível, um estado de consciência para preparar e exercer tais projetos e medidas.

Há que considerar, que um trabalho de community work / dinâmica comunitária não se pode dar ao luxo de escorregar em diletantismos, ausência de perceções certas e largas experiências nos terrenos em causa.

É necessário também, para a criação de certos projetos específicos que exigem equipas eficientes, experientes, e estruturas adequadas, assim como conceitos e estratégias devidamente adaptadas, pelo que, não será nada aconselhável em fases iniciais criar centenas de representantes ou agentes que mesmo sem querer, começam a criar conflitos uns com os outros... sendo também possíveis, atritos com as direções as quais são muito ciosas da sua posição e autoridade e que não poderão ser evitadas.

Estes polos, estas estruturas têm de possuir quadros preparados e especializados, raios de ação bem definidos e acima de tudo uma estratégia eficiente baseada nas realidades. Os polos funcionarão também como exemplos de sucesso

que devem trabalhar na motivação das redes que se propõe criar e por isso precisam de peso, de “gravidade”, pois terão de ser para as comunidades portuguesas regionais pontos de referência, apoio, e motivação em matérias importantes não só para estas diásporas como também para o Estado Português, nomeadamente nas áreas da cultura, economia e ação social.

Gostaria de sublinhar que o GRI-DPA (Grupo de Reflexão e Intervenção - Diáspora Portuguesa na Alemanha) possui nos seus estatutos, nomeadamente no seu memorando um conceito de “Espaço Portugal”, criado perante a percepção do “desabar” das estruturas de apoio à Comunidade Portuguesa na Alemanha, (Centros, associações, missões católicas, rede de serviços sociais para portugueses na RFA da Caritas Alemã). Este conceito visa conceber uma resposta e criar algumas estruturas que possam contrariar a decadência entrópica da Diáspora Portuguesa na Alemanha, pois já nessa altura se percebia a necessidade de cerrar fileiras perante a decadência e a falta de dinâmica dentro da Comunidade.

Posteriormente e a pedido de um relatório por parte da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas aos conselheiros das Comunidades, foi transmitido da minha parte e da minha colega ao Secretário de Estado, que perante a entropia que se fazia sentir na Comunidade Portuguesa desde os fins dos anos 90, a necessidade de uma mudança de paradigma no acompanhamento e apoio às Comunidades Portuguesas e que, por isso mesmo, uma recriação da dinâmica na Diáspora não poderia ser conseguida se não se criasse nos consulados uma conceção inovadora de um apoio estratégico à Comunidade nas matérias já por mim citadas.

Assim sendo, podemos constatar que já existem conceitos concretos e claros que podem levar à elaboração e aplicação de estratégias e ações eficientes.

Seria muito positivo e proveitoso se o Estado Português percebesse que na Diáspora existe conhecimento e experiência no que respeita a soluções viáveis para defrontar os problemas com que a Comunidade e o Estado Português se debatem. Por último, é da maior pertinência perceber que a continuação desta citada entropia irá desaguar na assimilação da Diáspora Portuguesa dentro da população do país onde ela se encontra e com isso a perda gradual da sua identidade inicial. O que isso significa para Portugal creio não ser necessário especificar.

Por isso cinjo-me apenas a sublinhar que identidade é o combustível que faz vibrar a alma, que dá o entusiasmo para criar, para sobreviver e saber quem se é...

É o elixir da vida, é o motor de identificação com os seus, com a sua família, com o seu país e outros mais valores e objetivos.

Não é por mero acaso que a moderna neurobiologia alemã procura explicar ao Estado Alemão, que a preparação ideal e motivante para o futuro das suas crianças e jovens, terá que passar cada vez mais por um sistema de aprendizagem e identificação que torne possível um profundo conhecimento da natureza e da cultura e do seu processo e relação dialética, e que isso não poderá ser conseguido dentro das quatro paredes de uma sala de aulas, mas sim no espaço onde as coisas acontecem e num clima de ação onde a vida decorre...

Porque a motivação e o entusiasmo programam a nível biológico as modificações no cérebro e na estrutura genética!



Mário Botas

Conselheiro das Comunidades Portuguesas

OPINIÃO DO ASSOCIADO

Destino 2025 de “As Minhas Férias”: MOÇAMBIQUE

O concurso literário “As minhas férias”, que chegou a África na sua terceira edição, a Angola, atravessará o continente de costa a costa, levando os jovens escritores-viajantes, na quarta edição, até Moçambique.

O sucesso da terceira edição dedicada a Angola, semelhante ao das edições anteriores, dedicadas a Portugal e ao Brasil, ficou patente, não apenas na quantidade de trabalhos enviados (200), mas, principalmente, no nítido e crescente aumento da qualidade literária dos textos a concurso. A prova de que este tipo de eventos de criação literária tem uma enorme importância para as crianças e jovens lusofalantes que vivem fora dos respetivos países de origem. E essa importância é múltipla: desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita em língua portuguesa, alargamento da mundividência histórica, geográfica e cultural sobre os países de língua oficial portuguesa e, claro, o saciar da sede de curiosidade intelectual que os mais jovens, se bem estimulados, são capazes de demonstrar. Tudo isto com o objetivo último de fomentar a empatia, o respeito e a tolerância por

tudo o que é diferente, de modo a minorar este novo retrocesso que parece querer arrastar o nosso tempo de volta à barbárie (jamais esquecida) da discriminação, da desigualdade, do ódio e da guerra.

Foi então envolvidos por esta atmosfera de bienveillance que, no segundo sábado de 2025, na Cidade Universitária de Paris, na Biblioteca da Fundação Gulbenkian e na Casa de Portugal, quarenta jovens escritores e respetivos pais participaram, primeiro, na Oficina de Escrita, e, depois, na cerimónia de entrega de prémios às duas vencedoras – Sofia Vincent e Paloma Ribeiro Sousa – e às seis menções honrosas (Thomas Valseth, Ayrton Guibert, Charlotte Doherty, Manuel Quero, Maria Bardou e Lara Janeco Varandas).

A Oficina de Escrita enquadrou-se nas comemorações dos quinhentos anos do nascimento de Luís de Camões, tendo os participantes ficado com a pesada responsabilidade de, partindo dos três primeiros versos da primeira estrofe de “Os Lusíadas” reescreverem os restantes cinco versos à sua maneira. Uma desconstrução camoniana que levou a

armada de Vasco da Gama e respetivos unicórnios até à praia de Copacabana onde comeram a chanfana da tia Susana e jogaram futebol com o Maradona, antes de partirem à conquista dos exoplanetas da Via Láctea. Quem sabe se, graças a estes jovens exploradores de literatura, a língua portuguesa não se poderá vir a tornar a língua oficial de Proxima Centauri b?

Após a Oficina de Escrita e a entrega dos prémios e dos diplomas, os escritores e as famílias tiveram direito a um lanche bem lusitano oferecido pela Casa de Portugal.

É então chegada a hora de partir para leste, passar do Kwanza ao Zambeze e do Atlântico ao Índico, para descobrir Moçambique, esse enorme país de 28 milhões de habitantes e quase 3 mil quilómetros de costa. Esperam-se muitas aventuras em língua portuguesa, com um cheirinho de macua, tsonga ou chuabo, quem sabe alpinismo no Monte Binga ou uma navegação fluvial no Rovuma. O destino das férias moçambicanas fica ao critério dos futuros escritores. Boas férias e vemo-nos no Outono.



Nuno Gomes Garcia

Escritor, Professor

Diretor Geral Conselho Cultural AILD/França

PASSAGENS

Os homens que queriam ser – e foram – reis do Pegu

Parte I



© Joaquim M. Castro

Evocados os 400 anos da grande aventura dos Himalaias – efeméride em actual velocidade cruzeiro, já que tal façanha perdurou nessa região asiática durante duas décadas e agora, obrigação nossa, há que a ir relembrando ao longo dos próximos anos –, regressamos a este espaço para dar voz aos feitos mundo fora de uma pleíede de aventureiros, navegadores e missionários que ousaram deixar as suas berças para se derramarem pelos quatro continentes, plantando neles múltiplas raízes.

Serão eles o motor de busca deste espaço.

Assim, ao falarmos das terras dos outros onde essas ilustres figuras se fundiram e destacaram, à nossa regressaremos, lembrando – a quem nos lê e há muito a Portugal não vem – as façanhas por eles perpetradas.

As figuras históricas da edição deste mês do Passagens – Filipe de Brito de Nicote e Salvador Ribeiro de Sousa –, levam-nos do Norte ao Sul de Portugal, mais propriamente de

Guimarães a Lisboa, ou vice versa. Foram eles personagens gradas em diversos espaços geográficos do Mianmar, um país actualmente em guerra civil onde subsistem inúmeros luso-descendentes, de várias origens e tempos.

Interessam-nos neste particular os ditos bayingyis, que vivem hoje um momento particularmente conturbado e difícil. Remeto-vos, a propósito, para uma campanha de solidariedade em curso relacionada com esses nossos patrícios distantes e levada a cabo pela AILD.

É sobre eles que iremos falar.

“Se vai ao meu país, não se esqueça de visitar a Ilha dos Portugueses”. Foi com estas palavras que se despediu de mim o jovem secretário da embaixada de Mianmar em Pequim quando aí fui solicitar um visto de turista, já lá vão umas décadas. Dessa vez, não chegaria a utilizar o dito cujo, mas aquilo da ‘Ilha dos Portugueses’ ficou-me na ideia durante algum tempo.

Quando finalmente visitei pela primeira vez essa nação que já se chamou Birmânia e que um punhado de generais teimava (e teima) em considerar feudo seu, levava a lição minimamente estudada, graças à informação que em Macau me fora fornecida por um amigo entusiasta nessas coisas das miscigenações...

Na sua Peregrinação, Fernão Mendes Pinto refere-nos as riquezas da Birmânia, chamariz para mercadores portugueses, que ali demandavam a partir de Malaca, em busca das afamadas madeiras, cereais, laca e pedras preciosas, como os rubis ou as safiras, entre tantos outros produtos, e visitavam no processo o arquipélago de Mergui, as cidades de Tavoy,

Sirião, Cosmim, Akyab, tornando-se aliados do rei de Pegu. Chegaram acompanhados pelos respectivos capelões, e assim se foi instalando o cristianismo na região.

Em alguns dos capítulos da sua magnífica obra Mendes Pinto relata-nos vários episódios envolvendo mercenários portugueses e cita até o nome de muitos deles. Ele próprio exercia na altura essa função e, ao chegar ao porto de Cosmim, após uma atribulada travessia do país, deparou com uma pequena colónia de católicos, precisamente o resultado dos casamentos inter-raciais entretanto efectuados pelos soldados e mercadores portugueses ali estabelecidos.

O porto de Sirião, na embocadura do rio Irrauadi, frente a Yangon, ficaria para sempre ligado ao nome de Portugal e dos portugueses, graças ao controverso desempenho de um aventureiro chamado Filipe de Brito e Nicote, que, de 1600 a 1613, fez o que muito bem lhe apeteceu em Sirião e na vizinha zona costeira. Brito tinha absoluto poder sobre a região e seus habitantes, tendo sido sob a sua protecção e auspícios que os capelões jesuítas puderam dar início ao processo de “evangelização entre os gentios”, como então se dizia.

Filipe de Brito não foi o único, mas tratou-se seguramente do mais famoso dos lusos aventureiros que pululavam naquela e noutras regiões da Ásia.

Os descendentes desses soldados portugueses, que na época de Seiscentos lutaram ao lado dos soberanos de Ava e do Pegu, ou que faziam parte do pequeno exército de Filipe de Brito, ou do seu companheiro de armas, Salvador Ribeiro de Sousa, alcunhado de “Massinga”, senhores feudais em terras do Oriente, ambos empossados com o título de ‘Rei do Pegu’, são hoje conhecidos em Mianmar como bayingyis.

Ora, no que concerne ao pomposo título ‘Rei de Pegu’ não





© Joaquim M. Castro

há consensos. Há quem defenda a subalternidade de Ribeiro de Sousa em relação a Brito e Nicote (o mais provável), mas também há quem considere o contrário, como é o caso de Manuel Abreu Mousinho, autor de *Breve Discurso em que Se Conta a Conquista do Reino do Pegu na Índia*.

No que a Brito e Nicote diz respeito, sabe-se que nasceu em Lisboa, de pai francês, um tal Jules Nicot, supostamente irmão do famoso embaixador e linguista Jean Nicot, conhecido por ter introduzido o tabaco em França. A designação em latim para a planta *nicotiana tabacum* deriva precisamente do apelido desse francês que em 1560 presenteou o rei Francisco II com essa exótica espécie, trazida para a Europa pelos portugueses, e promoveu o seu uso medicinal. Acreditava-se na altura que o acto de fumar prevenia certas maleitas, nomeadamente a peste. Um ano antes Nicot estivera em Portugal a negociar o casamento da princesa Margarida de Valois, de seis anos apenas, com o rei Sebastião de Portugal, um ano mais novo, daí ter tido conhecimento da folha do tabaco.

Apesar do malogro da sua missão, Nicot continuaria a ocupar o posto de embaixador francês em Lisboa durante vários anos. Vivia na cidade o seu irmão Jules, negociante de profissão, que optaria por ficar por cá, finda a comissão de Jean... Jules naturalizou-se, mudou o seu nome para Júlio de

Nicote e casou com a portuguesa Marquesa de Brito (“Marquesa” era, neste caso, um nome próprio apenas, e não título de nobreza), filha de um tal Filipe de Brito, camareiro de D. Duarte de Portugal, Arcebispo de Braga. Fruto dessa união surge o nosso aventureiro, homónimo do avô materno.

Apesar do historiador Manuel de Faria e Sousa (aquele que mais nos fala da sua vida) não referir tão ilustre ascendência, dizendo-nos apenas que Filipe de Brito “tinha o emprego de carvoeiro”, o certo é que ele serviria na Índia sob os títulos de Fidalgo da Casa Real de D. Filipe II de Portugal e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

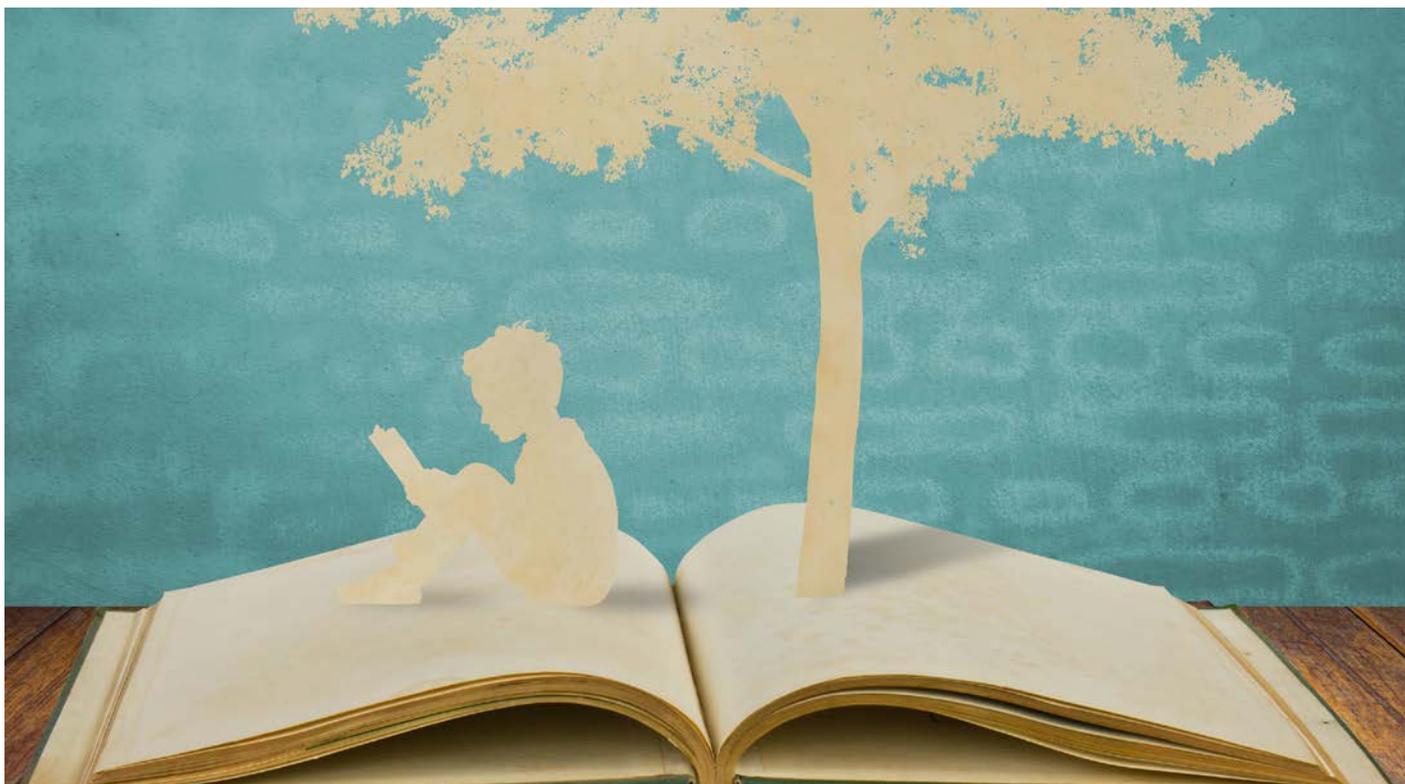
Em Guimarães, mais exactamente na herdade de Quintães, circunscção de Ronfe, ou couto de Ronfe – o que denota origem nobre –, nasceria outro dos mais destacados aventureiros portugueses no Sudeste asiático. Salvador Ribeiro de Sousa, de seu nome, era também ele cavaleiro e comendador da Ordem de Cristo.

Um e outro estiveram ao serviço do poderoso rei de Arração, que lhes legou a tal ilha de Sirião como recompensa pela sua participação na conquista do Pegu, facto histórico que ficaria imortalizado num mural de um relicário contíguo ao templo de Ananda, na cidade de Bagan, e que nos mostra aqueles que parecem ser Brito, Sousa e demais companheiros embarcados em juncos.

IBERIAN TOUR



Joaquim Magalhães de Castro
Investigador



LUSO-CRIANÇA Literanto

Olá, o meu nome é Sara Novais Nogueira, sou educadora, promotora cultural e mediadora de leitura.

E tu, se vives em França (de preferência na zona de Paris ou arredores), e estás interessado/a na língua e na cultura portuguesa, eu venho hoje, aqui, apresentar-te um projeto, do qual eu sou a autora/criadora e organizadora, que se chama LITERANTO.

O LITERANTO consiste em receber artistas lusófonos, das mais variadas áreas, em França (com maior incidência em Paris, por enquanto). Podem ser escritores, artistas plásticos, músicos, entre outros, mas, acima de tudo, vem fazer atividades para ti - dar-te a conhecer a sua arte e em língua portuguesa. Podem contar histórias, fazer oficinas de escrita, mostrar-te os seus quadros com exposições em espaços de renome e pode ser que tenhas a sorte de que ele/ela também possa ir à tua escola. Isto se estudas a língua

portuguesa na escola. Posso contar-te que este ano começamos em janeiro com o autor/professor/mediador literário, Carlos Nuno Granja. O Carlos foi a escolas em Paris e arredores (Fontainebleu, Morangis, Sartrouville, Saint-Germain-en-Laye,...) e mostrou os seus livros, falou do seu percurso como escritor e proporcionou oficinas de escrita criativa para os teus amigos do 1º e do 2º ciclo (elémentaire et collège). Quem sabe se não terás este ano, também, um artista na tua sala ou que o possas visitar nalgum dos sítios como a Biblioteca Calouste Gulbenkin Paris, a Casa de Portugal - André de Gouveia ou o Consulado Geral de Portugal em Paris?!

Podes seguir este projeto através das redes sociais da AILD - Associação Internacional dos Lusodescendentes ou através da página do [Facebook Sara Nogueira](#). Até já.



Sara Nogueira

Mediadora de Leitura/Autora do projeto Literanto

CONSELHO DA DIÁSPORA PORTUGUESA

2024

Um ano de excelência na construção de redes
para o desenvolvimento global



2024 foi um ano de grande realização e dinamismo para o Conselho da Diáspora Portuguesa, em que consolidámos projetos estratégicos e lançámos novas iniciativas com impacto em diversas geografias.

Em 2025, conforme nos desafiou o Exmo. Senhor Presidente da República, pretendemos continuar nesta trajetória de crescimento e colaboração, para expandir a nossa rede, implementar projetos em múltiplos setores e trabalhar para a afirmação da marca Portugal a nível internacional.

António Calçada de Sá, Presidente do Conselho da Diáspora Portuguesa

A atividade do Conselho da Diáspora Portuguesa (CDP) em 2024 fica marcada pelo reforço do papel da entidade enquanto motor estratégico para a inovação e o desenvolvimento de Portugal a nível internacional.

Ao longo do último ano o CDP reuniu milhares de pessoas, conectou geografias, setores e gerações, reiterando a sua posição como uma plataforma de excelência para o contacto internacional e softpower orientado a fazer sempre mais e melhor por Portugal.

Encontro Anual: Soft Power, novos conselheiros e o desafio de Marcelo Rebelo de Sousa

O Conselho da Diáspora Portuguesa fechou 2024 com o Encontro Anual, evento que encerrou a atividade do ano, no dia 20 de dezembro.

A 11ª edição, que teve como principal tema de discussão o “Soft Power e as Relações Económicas e Comerciais Globais”, contou com a presença de cerca de 220 convidados. Depois da sessão de boas vidas realizada pelo Presidente da Direção do Conselho, António Calçada de Sá, Paulo

Rangel, Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros e Vice-Presidente Honorário do CDP, destacou a capacidade que as diásporas têm de mudar os próprios países.

Na sua intervenção, José Manuel Durão Barroso, Presidente da Assembleia Geral do Conselho, defendeu o soft-power como uma alavanca para mobilizar a Diáspora e afirmar a dimensão global de Portugal. Já Mário Centeno, Governador do Banco de Portugal, destacou a importância de todos os setores serem parceiros para garantir que há confiança, base do investimento.

O espaço de debate do Encontro reuniu em painel João Rui Ferreira, Secretário de Estado da Economia, Helena Malcata, Diretora-Geral de Política Externa no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e Carlos Leiria Pinto, Assessor do Vice-presidente para a Europa e América Latina da Corporação Financeira Internacional (IFC), para debater “Parcerias de Valor – Como os Setores Público e Privado Podem Caminhar Juntos?”

José Ivo, Membro da Direção do Conselho da Diáspora e Cônsul Honorário de Portugal em Houston, apresentou a US Friends of Portuguese Universities, entidade que pre-





side e que tem como principal missão alavancar a filantropia internacional.

O programa contemplou ainda a intervenção de Ronald DePinho, Membro do Conselho da Diáspora e Ex-Presidente do MD Anderson Cancer Center, sobre o Portugal-US Cancer Initiative, o projeto de colaboração científica contra o cancro que inclui 22 universidades portuguesas e norte-americanas.

S.Exa o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa discursou na cerimónia de encerramento do evento e entregou cartões de membro aos novos Conselheiros e Jovens Conselheiros.

O também Presidente Honorário do CDP manifestou o seu apreço pelo trabalho dos últimos 12 anos e revelou que *“uma das capacidades mais vincadas dos portugueses é a de rejuvenescimento e é essa a expectativa também em relação ao Conselho da Diáspora Portuguesa: que, em 2025, seja mais ambicioso e tenha mais iniciativas para continuar o grande trabalho que tem desenvolvido.”*

EuroAmericas Forum: a ponte transatlântica fundada pelo Conselho da Diáspora Portuguesa

A marcar o ano 2024 está também o primeiro EuroAmericas Forum que, após sete anos de sucesso com o EurAfrican Forum, veio alargar os horizontes do Conselho da Diáspora Portuguesa, acrescentando ambição e valor ao

evento adaptado à realidade da cooperação transatlântica. O EuroAmericas Forum (EAM) – que reuniu mais de 400 pessoas de 40 nacionalidades diferentes – juntou vários membros do governo português, *policy-makers* europeus e americanos, empresários, membros das comunidades académica, científica e do mundo da cultura e do desporto. A edição incidiu no tema *“Construir o futuro através do Atlântico: Um Fórum para a Europa e as Américas”* com o objetivo de estabelecer a ligação entre ambos os continentes com a garantia de que a relação transatlântica entre a Europa e as Américas é um eixo crítico no panorama global, influenciando a dinâmica política, económica e cultural nos quatro cantos do mundo.

Nos dias 17 e 18 de dezembro, a Nova SBE recebeu personalidades de diversas organizações europeias e americanas, públicas e privadas, para um debate objetivo, atual e inclusivo, apoiado em ideias, propostas, realidades e projetos que acrescentem valor através do Atlântico.

À margem do painel *“Cidades Irmãs”*, o primeiro EuroAmericas Forum ficou ainda marcado pela assinatura de **Acordos de Geminação e de Amizade**.

As cidades de Cascais e Contagem, no Brasil, selaram uma parceria que ambiciona a cooperação destas cidades. O encontro acolheu também o Acordo de Amizade entre Lagos e Niagara Falls, no Canadá, através do qual iniciaram um processo de colaboração para a cooperação.

Destacam-se as presenças de José Manuel Durão Barroso



como Chairman do EAM, Luís Montenegro, Primeiro-Ministro de Portugal, Paulo Rangel, Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Fernando Alexandre, Ministro da Educação, como key note speakers no encontro.

Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República Portuguesa, assistiu à cerimónia de encerramento do primeiro dia do evento.

EurAfrican Forum: Parcerias Entre Europa e África

A sétima edição do EurAfrican Forum, que teve lugar nos dias 15 e 16 de julho, reuniu mais de 500 pessoas, num fórum de discussão que teve como mote: “África: o próximo capítulo – parcerias para o crescimento”.

O evento promoveu o debate em prol do crescimento e desenvolvimento de ambos os continentes, em torno de nove temas estruturais: Investimento e internacionalização, Energia e Minas, Equity Gap, Educação, Desporto, Digitalização, Geopolítica, Infraestruturas e urbanismo, Agronegócio e Saúde.

Entre as figuras presentes destacam-se as intervenções do Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros português, Paulo Rangel; do Ministro da Economia, Pedro Reis; da Ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho; do Ministro da Saúde de Burquina Fasso, Robert Lucien Kargougou e da Ministra da Saúde de Angola, Sílvia Lutucuta. Marcelo Rebelo de Sousa e Prithvirajsing Roopun, Presidente das Ilhas Maurícias, encerraram o evento com uma conversa que destacou a importância de unir esforços para o desenvolvimento mútuo de Europa e África.

Descobrir o Futuro com a Diáspora Jovem

O projeto Diáspora Jovem integrou 16 jovens conselheiros em 2024, garantindo um espaço para ideias da mais recente geração de profissionais, académicos e empreendedores portugueses. Neste capítulo, destaca-se o incondicional apoio do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, ao programa que continuará a sua expansão em 2025 com a inclusão de até 15 novos jovens.



Conselho da
Diáspora Portuguesa

ARTES E ARTISTAS LUSOS

Richard Towers

[Website oficial](#)

[Facebook](#)

[Youtube](#)



Richard Towers, pseudónimo de Martinho Fernando Alves Torres, nasce a 14 de janeiro de 1974 em França (Saint Germain-en-Laye, Paris). Em 1984, muda-se, em definitivo, para Portugal, onde completa os seus estudos superiores, obtendo a licenciatura em línguas, na área do Ensino do Português e Francês. Em 2009, decide criar a sua própria editora – Neoma Produções – e dar vida a um conceito inovador: o Livro-Objeto. No ano de 2015, envereda pela literatura infantojuvenil, dando expressão à originalidade da sua obra, com criações que ultrapassam o convencional e abrem um novo caminho para a Literatura, a Música e a Arte.

Foi professor durante muitos anos, mas foi nas artes que encontrou a sua vocação. Como foi esta descoberta?

Enquanto professor, nunca deixei de estar ligado às artes, sobretudo à música. Tive muitos projetos musicais pelo que, quando decidi publicar as minhas obras, a música acabou por ser integrada naturalmente. Encontrei o momento certo quando embarquei na viagem da literatura infantil.

O Richard Towers, para além de músico, é escritor. Começou por escrever para os leitores jovens e adultos, mas acabou por eleger as crianças como o seu público favorito. Como aconteceu essa mudança?

A transição aconteceu de forma natural, pois o potencial do livro-objeto, para crianças, estava lá - foi só uma questão de adaptar os conteúdos. Criei um conjunto de personagens – A Banda de GuruRock – e decidi levá-los a viajar no tempo, para conhecerem personalidades da História Universal. Nas minhas obras, as peripécias levam ao encontro de nomes tão distintos como

Beethoven, Einstein, Cleópatra, Pasteur ou Leonardo da Vinci.

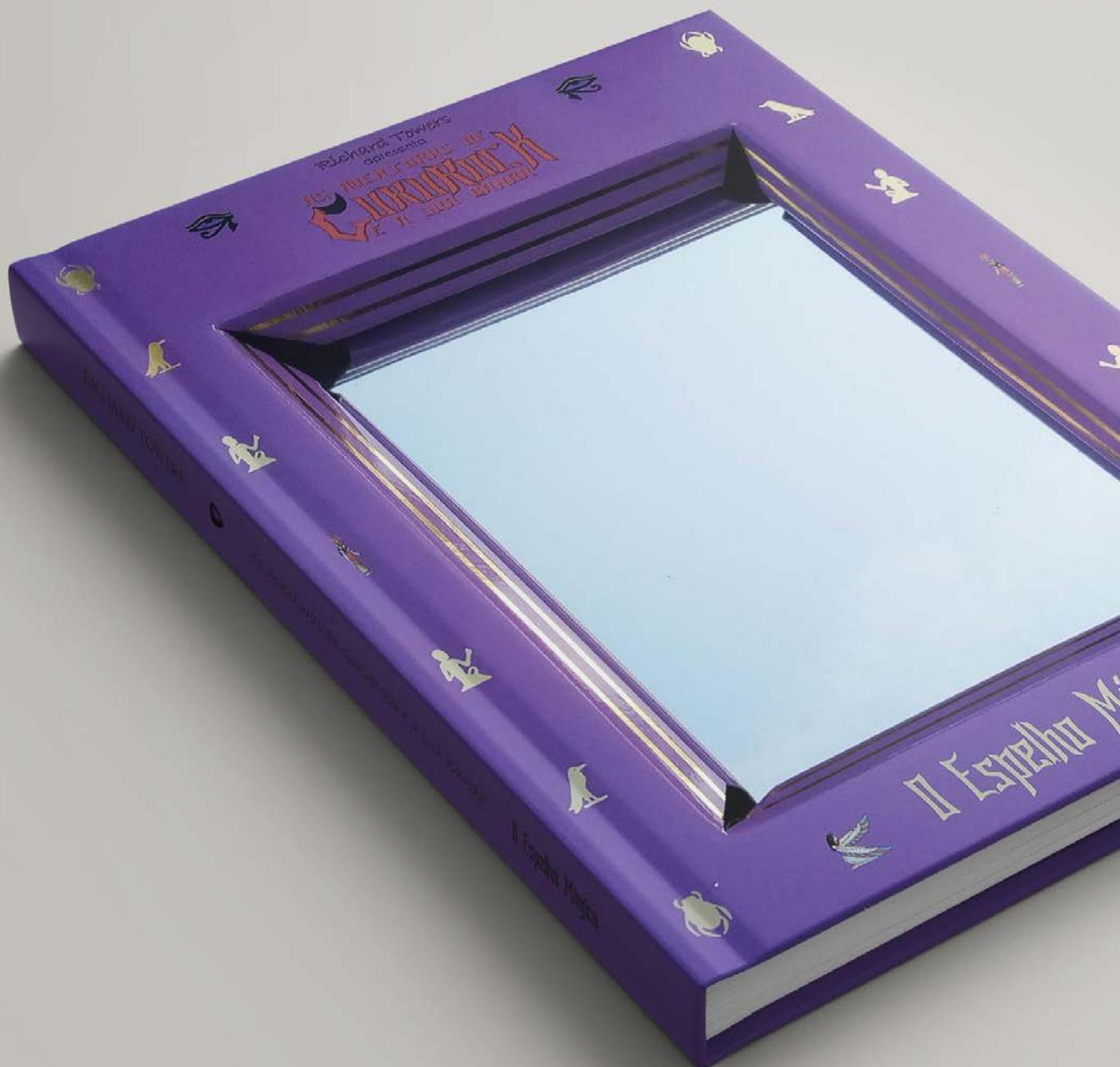
O que é o livro-objeto? Como e quando surgiu essa ideia?

Começando pela segunda pergunta, a epifania deu-se em 2009, quando percebi que teria de romper com a convencionalidade do mercado para marcar uma posição. A ideia foi trabalhada ao longo de cinco anos, com avanços e recuos, até alcançar o resultado pretendido. O livro-objeto é um conceito inovador que remete para a dupla funcionalidade das obras, transformando-se, cada livro, num objeto. Por exemplo, o meu primeiro livro – A Sinfonia do tempo – é um livro que inclui um relógio, ativado por uma pilha, e que pode ser pendurado na parede. “O Desafio de GuruRock” é um livro-xadrez que inclui peças, “O Espelho Mágico” tem um espelho na capa e também pode ser pendurado na parede; “A Máscara dos Desejos” inclui uma máscara e o livro-puzzle, o mais recente lançamento, tem um puzzle na capa que, resolvido, revela o título da obra.

De todos os livros que publicou até hoje, qual é o mais especial? Porquê?

Todos são especiais, pois cada um tem uma história distinta. Geralmente, são “partos” difíceis, pois as minhas obras levam muito tempo a serem pensadas e produzidas, quer pela complexidade da

sua construção física, quer pela intrincada ligação entre a história, a personalidade abordada e o seu objeto. Em termos de aceitação do público, posso destacar o livro-xadrez “O Desafio de GuruRock”, pois é um livro que permite a partilha através do jogo de xadrez/damas, o que o torna num dos mais interativos e solicitados da coleção.



Ser, ao mesmo tempo, autor, editor, produtor, distribuidor e ainda concertista, não deve ser tarefa fácil. Como faz a gestão do seu tempo com múltiplas atividades e compromissos?

Um dos meus maiores problemas é a agenda. Tenho imensos espetáculos em todo o país e um plano de edição pouco compatível com a minha disponibilidade. Neste momento, tenho cinco obras em espera, todas desta coleção – As Aventuras de GuruRock e a sua Banda – e prontas a serem publicadas. Quanto aos concertos literários, que promovo em todo o país, continuarão a ser o cerne do meu trabalho, pois são a verdadeira materialização de todo o projeto.

Em que consiste o concerto literário que leva às escolas e bibliotecas?

O concerto literário é uma realização artística que compreende leitura, música, coreografias, enigmas, interação e muita diversão. É uma viagem em que conduzo as crianças pelo mundo da imaginação, através da curiosidade (que neles é natural) e dos estímulos visuais e auditivos, os quais desaguam numa energia explosiva, em que todos participam de forma plena. Levo comigo um cenário, toco guitarra elétrica, construímos um puzzle, cantamos, dançamos, pulamos e rimos. As crianças descobrem os contributos das personalidades para a história da humanidade e uma nova forma de olhar para o livro e para a leitura. É uma enorme celebração!

“Levar à leitura, através da música”. Este é um dos principais objetivos do seu projeto artístico. Já tem alguns dados recolhidos por escolas, pais, ou alunos sobre a adesão destas crianças à leitura?





Não tenho uma estatística oficial, mas tenho uma certeza, comprovada no terreno: a apetência pela leitura sai muito reforçada com as sessões que levo a cabo. No pós-concerto, os professores, pais e alunos procuram as obras e fazem a apologia do livro-objeto.

O Richard já teve algum apoio estatal para o seu projeto? Como têm respondido as diferentes instituições?

Até ao momento, não fui contemplado com nenhum tipo de apoio, porém, sou regularmente contratado por entidades públicas (câmaras, juntas, associações, entre outros) para levar o concerto literário aos diferentes espaços comunitários.

Onde podemos comprar os seus livros?

As minhas obras podem ser adquiridas nas lojas da especialidade, tais como a **Wook** ou a **Bertrand**.



Pode revelar-nos alguns dos projetos para 2025?

Um dos objetivos de 2025 passa por levar o concerto literário além-fronteiras. Tenho já duas datas para a cidade de Estrasburgo, o 24 e 25 de maio, e uma forte possibilidade de apresentar o meu trabalho em Paris. A internacionalização do projeto é um dos maiores desafios, objetivo

para o qual tenho trabalhado afincadamente, como atestam as minhas participações em Feiras Internacionais do Livro, como Bolonha e Frankfurt.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Primam pela originalidade e trilhem o vosso caminho.

| AMBIENTE

Os custos ambientais da inteligência artificial

O advento da inteligência artificial (IA) tem contribuído para acelerar a degradação ambiental dos ecossistemas, pois, carece de uma enorme quantidade de recursos para funcionar. Sendo assim, o que podemos fazer para reduzir os seus impactos ambientais?

Em primeiro lugar, importa destacar alguns benefícios inerentes à implementação da inteligência artificial – porque os tem – e porque poderão ter grande relevância na melhoria das condições de vida das pessoas, no aumento da produtividade laboral e na inovação científica, entre muitos outros.

Todavia, todas as medalhadas têm o seu reverso e, a inteligência artificial não é excepção. Esta rápida ascensão tecnológica tem desencadeado consequências difíceis de identificar a vários níveis e, consequentemente, difíceis de mitigar.

Todo este frenesim em torno das potencialidades da inteligência artificial tem remetido para segundo plano as suas altas emissões de dióxido de carbono e a necessidade de elevadas quantidades de energia eléctrica para alimentar as potentes máquinas usadas no treino e desenvolvimento dos modelos de inteligência artificial generativa. Além da implementação dos sistemas, também os custos de produção de máquinas cada vez mais potentes e as necessidades de resposta para milhões de utilizadores dessa tec-

nologia estão a contribuir para um consumo cada vez mais elevado de energia e recursos.

É redutor pensarmos que, quando ligamos o nosso computador, estamos apenas a consumir a energia eléctrica inerente a essa acção. A montante, a utilização de recursos, vai muito mais além. Tendo em conta os recursos necessários para produzir todo o software e hardware necessários ao funcionamento das máquinas e, considerando os custos de transporte dos materiais e as elevadas quantidades de água necessárias para arrefecimento dos centros de dados, tudo isto resulta em incalculáveis consequências ambientais.

A tecnologia baseada em inteligência artificial tem sido um dos principais motores da crescente necessidade de



aumento de produção de energia eléctrica a nível mundial. Para um entendimento mais esclarecido sobre esta questão, importa referir que um sistema baseado em inteligência artificial generativa, quando comparado com outros, poderá consumir entre sete e oito vezes mais energia e, uma simples pesquisa no ChatGPT poderá consumir cerca de cinco vezes mais electricidade do que uma vulgar pesquisa na Internet. Contudo, apesar destas grandes discrepâncias de consumo energético e dos seus consequentes impactes ambientais, importa relevar que o cidadão comum não está muito preo-

cupado com isso. Em parte, esta atitude deve-se à falta de informação sobre as consequências ambientais das suas próprias acções.

Perante isto, urge identificar, medir, avaliar e entender todos os benefícios inerentes à utilização da inteligência artificial generativa, assim como todos os custos ambientais e sociais que lhe estão associados. Só através desta ponderação custo/benefício poderemos calcular a abrangência e os reais impactes destas tecnologias emergentes, na sociedade e no ambiente.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

| TRADIÇÕES LUSAS

A propósito de urtigas

usanças, préstimos e crendices

Parte I

E por cá? O que fez o nosso povo destas ervas acirradas e tão boas zavaneiras?

«(...) No tempo da guerra, muita sapeira devem ter aliviado!»

No Vale do Douro Superior, alguns registos de boca a boca atestavam para o consumo regular dos seus rebentos depois de lavados e escaldados: quer num milagroso esparregado, porque tido como anti-anémico pelos mais ressabidos, sempre engrossado com um bom cibo de farinha aleitada ou num atijo salteado em azeite e alho para safanar almas debilitadas e corpos mais relexados, quer num aconchegante caldo de primavera que a ricalhada achincalhava de malgueiro dos vileiros pobres, temperado de renovos de chupa-mel, folhas tenras de diabelha e ramilhos de outras erveiras que houvesse, avultado se possível de uma boa nabada ou de umas maranhonas bem esmagadas... para enxotar o incómodo das

gripes primaveris e o desconsolo dos suores nocturnos. Na minha terra, certamente como em tantas outras, também foram muito prestadas, embora de forma pouco ou nada aconselhável, contudo algo inesquecível, à fustigação dos rabinhos da miudalha como modo de evitar que esta se descuidasse na cama. E aquelas vergastadas de ramos de urtigas velhas que sempre escutei serem remédio santo para aliviar as dores reumáticas dos mais idosos?... e assanhar o ranhiço de tantas sonsinhas? E os tampões de algodão, embebidos numa infusão de qualquer tipo de folhas, que as mezinheiras enfiavam nas narinas assangradas da garotada? Ou aquela fervura apressada de um picado de raízes, em vinagre de vinho branco, para esfregar a catrunha dos mais casparrentos, a seguir chapuçada de borras de azeite! E as bochechadas matinais de chá amornado dos primeiros renovos para afugentarem o mau hálito dos mais rabosanos? Dizia-se, também, que uma cházada das folhas mais crescidas dos galhos cimeiros,

adoçada com mel dos arçanhos, era o melhor curativo para a maleita dos espirros do feno e uma boa ajuda para a criança com sangue pobre e mães que amamentassem garotos odreiros. Outras mulheres de virtude também asseguravam que um pequeno ramo dos brotos em flor, colocado debaixo da cama, fazia com que um entravado recuperasse mais depressa (...)

Ainda hoje, a maioria das nossas camponesas sabe que para uma rápida engorda de perus nada melhor do que fartá-los com umas fareladas de urtigas esfarrapadas... ainda hoje acreditam que “urtigas no galinheiro, ovos no cesto!” Caso para se pensar quais as verdadeiras intenções de quem nos manda “ir às urtigas”!

Súmula histórica

Os antigos egípcios e os nossos antepassados celtas...

pelos vistos, já extraíam o óleo das suas sementes para o misturar em comeres tidos como fortificantes. Consta-se que os monges medievais, pelo menos os mais desvairados com as tentações terrenhas, abusavam delas no pagamento de muitas penitências. Dizem-me que alguns alquimistas do tempo do astrólogo Paracelso e do heliocentrista Copérnico as julgavam excelentes antídotos para certos envenenamentos. Sabe-se que o boticário John Parkisson aconselhava os seus pacientes reumáticos a esfregarem as partes afectadas com uma boa manhuçada dos rebentos mais jovens... Já no século XX, o filósofo esoterista, pedagogo da autoeducação, artista da eurtimía, Rudolf Steiner — o fundador da agricultura biodinâmica e da medicina antroposófica — ter-lhe-á chamado “corações do mundo” (...) Na infernal guerra das trincheiras, os azarados soldados da Tríplice Entente usaram-nas muitas vezes para pintalgar de verde herbáceo as camuflagens do disfarce e do encobrimento; o reputado nutricionista Lelord Kordell, conselheiro dietista da exótica Raquel Welch e Eva Gabor — aquela loira destravada da delirante série televisiva «Viver no campo» — disse que “a picada de urtiga não é nada comparada com a cura”; Pierre Lieutaghi, etnobotânico francês, autor do notável e enciclopédico Livre des Bonnes Herbes, acha que “as urtigas perseguem literalmente o homem por todo o lado, sem nunca lhe perderem o rasto” ...; Ary dos Santos, poeta livre de tantas desfolhadas e declamador das ruas da saudade lisboeta, escreveu, assim, naquele belíssimo texto litúrgico da contra-capta do vinil Cantigas de Amigo:

«(...) Era uma vez um livro muito bonito, que cheirava muito bem. Umás vezes a flores, outras vezes a urtigas. Mas a urtigas sadias. Tinha sido feito pela Natália Correia que o desenterrara de alfarrábios muito, muito velhos, com mãos de chama e de poeta (...)».

E os curandeiros, bruxos, mezinheiros, alveitares, transmoutanos e não só, ainda recomendam lançar ramadas de urtigas secas ao fogo para afastar o tranglomango, maus-olhados e espíritos malignos; ainda sugerem o esfregaço de urtigas frescas como anestésico local; ainda aconselham uma maceração de folhas de hortelã para serenar as urtigadas mais ríspidas... Até, num dos primeiros Congressos de Medicina Popular-Vilar de Perdizes, uma fantasmagórica e empolgada mexorofeira me tentou inculcar os benefícios de uma chazada de brotos urtigueiros (sei lá porquê) para a prevenção da doença dos facanitos - os diabetes. Até um jovem enólogo bordelais, a trabalhar vinhos na região da Dordonha, quase me convenceu que o seu Sauvignon Blanc tinha um “bouquet de frutas brancas verdes, leves notas florais, sofisticados toques herbáceos e uma ponta final a saber a rebentos de urtigas” (!) Coisas dos céus — do céu-da-boca!

Coisas da botânica

Como agrónomo que sou, recomeço este enguiço de conversa pelas coisas mais simples dos saberes da botânica... O nome científico da urtiga - urtica - deriva do verbo latino urere que significa arder, abrasar, numa clara alusão ao efeito da sua pelugem urticante causadora de uma coceira deveras irritante quando em contacto com a nossa pele. Esses pêlos minúsculos, desavessos às meiguices e horripilantes nos trejeitos ocasionados, ariscos e de palavrão mais do que certo, perfuram a pele e libertam uma arrepiante hormona tecidual [histamina] que provoca reacções alérgicas, razoavelmente doridas, e acetilcolina — um atrevido neurotransmissor habitualmente encontrado nos nervos — que intensifica a sensação de dor.

A *Urtica dioica* L.

[o urtigão, a urtigoa, urtigona, urtigaça, urtiga-de-cauda, urtiga-maior, urtiga-alta, urtiga-mansa, urtiga-vulgar, urtiga-vivaz, ortiga ou estruja para alguns transmoutanos e galegos raianos...]

e a *Urtica urens* L. [a urtiga-menor ou urtiga-brava] da malfadada família das Urticaceae, género *Urtica* que



compreende cerca de oitenta espécies herbáceas distribuídas por esse mundo fora, concentradas principalmente em ambientes temperados do hemisfério norte, são duas das espécies mais vulgares do continente português, aparecendo um pouco por toda a parte, sobretudo em habitats ruderais, húmidos, sombrios ou mais arejados, em qualquer entulho orgânico, principalmente a urtigona. Quanto às respectivas propriedades medicinais, elas são muito idênticas, mas é conveniente saber distingui-las, quer para uso alimentar, quer para fins industriais. Assim, na arte dos botânicos, agrónomos e demais...

a urtiga mais vulgar - a dita maior - é uma espécie dioica; ou seja: é uma planta de flores masculinas e femininas em pés distintos, tal como a maior parte dos vertebrados em que a mecânica sexual se distribuiu por indivíduos diferentes. Por sua vez, a outra - a menor - é monoica; isto é: cada pé tem flores femininas e masculinas como na maioria dos vegetais, mais ou menos como as hermafroditas minhocas e os bissexuais caracóis terrestres, em que cada indivíduo se apresenta com os dois tipos de sexo... tudo a funcionar na mesma casa (oikos), como diriam os gregos de outrora (...) A vulgar é uma planta vivaz, relativamente avantajada, podendo chegar a atingir mais de metro e meio de altura, com folhas ovais, grandes e acuminadas, de margem dentado-serrada, verde-escuras, e flores agrupadas em cachos ramificados bem mais compridos do que o pecíolo das folhas; a brava, bem mais pequenota, raramente alcança meio metro, é anual, com folhas verde-claras, pequenas, ovais e incisivamente dentadas, e flores agrupadas em cachos simples mais curtos do que o pecíolo. Em alguns locais poderão ainda aparecer: a urtiga de cauda ou ortigão alto [*Urtica dubia* Forssk.], as popularmente designadas de urtigas-mortas [*Mercurialis annua* L., da família das Euphorbiaceae, com cheiro repugnante e sabor amargo-salgado] e as urtigas-brancas [*Lamium al-*

bum L., da família das Lamiaceae, ligeiramente aveludadas e de odor algo desagradável], também com algum interesse medicinal, que se distinguem das verdadeiras urtigas por não terem os tais pêlos vesicantes.

Enredos de outrora – memórias recentes

De prenúncio a esta prosa, atemo agora em perguntar: como poderão as urtigas — esses espécimes matreiros, esconjurados, grabulhentos, laparotos e mal-amados — ter inspirado tanta confiança, tanta familiaridade, aos nossos antepassados? Como? Tal como uma azeitona madura colhida directamente da árvore, tão intragável e tão medonhamente amarga! E aguento sempre a mesma resposta: segredos tão simples que nunca saberemos desvendar. Será?

Nativas das regiões temperadas da Europa, África Austral, Ásia, Andes e Austrália, são, talvez, das plantas que mais cedo começaram a ser utilizadas pelo Homem; pois, desde a Idade do Bronze que as suas fibras se empregam no fabrico de vestuário, trapios, beldrejos, estropalhas, farrapadas e, mais tarde, em plena Era Cristã, igualmente no fabrico de papel, a par das fibras de cânhamo, caules cerealíferos, papiro, bambu, cascas de árvores... Quanto ao conhecimento das suas propriedades medicinais, nas civilizações ocidentais já remonta à sabedoria do druidismo celta para quem a natureza se afirmava na expressão máxima da Deusa Mãe, e à Grécia e Roma Antigas, onde era admirada e utilizada para atenuar os sintomas das alergias sazonais e no alívio de dores associadas a várias inflamações, nomeadamente das articulações afectadas pelo reumatismo. E... porquê? As folhas, ainda jovens ou mais avelhantadas, acabadinhas de colher, em aplicações externas e localizadas, têm um efeito rubefaciente bem mais irritante do que o da mostarda-branca [*Sinapis alba* L.

subsp. mairei (H. Lindb.) Maire], daí o seu continuado aproveitamento para açoitar suavemente a pele, produzindo-se, desta forma, um efeito revulsivo, atraindo o sangue para os sítios fustigados. Com duas ou três vergastadas fazem passar uma inflamação de um ponto para outro, contribuindo para descongestionar os tecidos internos afectados pelo processo inflamatório. [E] Hipócrates, tido como o progenitor da medicina, à popularidade desta serventia, acrescentava-lhe o cozimento das sementes secas para uso anticoncepcional (...) Bem depois deste asclepiade e intelectual ateniense, o orador Plínio “O Jovem” gabava-se de ser um grande apreciador de urtigas, comendo-as cozinhadas como se fossem os mais saborosos legumes; ao contrário, o seu tio-avô adoptivo, o naturalista Plínio “O Velho”, odiava-as da mesma maneira que a maioria dos actuais comensais. No entanto, os desafortunados soldados romanos dessa época cesariana estacionados nas regiões setentrionais do império, onde o frio invernal enganava bem mais e a fim de melhor o suportarem, cultivavam-nas para depois se esfregarem com elas. Dizia-se, há mesmo quem o afirme e bata o pé, inclusive alguns dos mais credenciados agrónomos de outrora e de agora, que o raio da planta resiste a temperaturas bastante negativas, até -45°C ! (...) Ovídio, grande poeta latino, boémio e libertino, banido de Roma pelo imperador Octávio Augusto por causa da imoralidade dos seus poemas em *Ars Amatoria*, relata-nos, nessa ousada «celebração do amor extraconjugal», uma misteriosa receita de um “filtro de amor” à qual não dispensou uma boa pitada de sementes de urtiga. Por sua vez, Caio Petrónio, escritor romano do tempo do enigmático Nero e autor do mundano *Satyricon* que Federico Fellini tão bem adaptou ao cinema, refere que as sacerdotisas do culto priápico — as meretrizes sagradas — flagelavam com um ramo de urtigas, «na zona do umbigo, sobre os rins e nos lomedros», os homens enfezados que tivessem essa dita parte «mais fria do que a neve» e quisessem aumentar a sua virilidade, tal como se praticava nos cultos da fertilidade da Idade Média e, até há

bem pouco tempo, por terras freixenistas e mogadourenses, quer em homens precisados, laroteiros e acanhados, quer em animais menos bons cobridores. Dioscórides, autor greco-romano nascido em terras da actual Turquia e considerado o precursor da farmacognosia, na obra *De materia medica* — a principal fonte de informação sobre drogas medicinais desde o séc. I até ao séc. XVII — louvava-lhe a eficácia contra a expectoração de sangue originário do trato respiratório, através da mistura das suas sementes com mel, sangramentos vaginais anormais que não se devessem à menstruação, sangraduras do nariz e tantas outras hemorragias, tratadas com sumo ou decocções de folhas. À semelhança do satirista Petronius, seu ilustre contemporâneo, também as glorificava como um potente afrodisíaco, desde que acompanhadas por umas boas copas de vinho! Um século mais tarde, Cláudio Galeno — médico-chefe da escola de gladiadores de Pérgamo e do imperador Marco Aurélio a quem terá curado o salafardo do filho Commodus que Ridley Scott tão bem desancou no filme *O Gladiador* — confirmava o poder de todas estas aplicações e acrescentava as cataplasmas contra gangrenas, úlceras e supurações (...) Na Itália dos nossos dias, com maior incidência nas regiões ladino-dolomitas, alpinas e piemontesas, sei que continua a ser frequente o seu uso. Agora, não na prática médico-curandeira mas em alguns pratos tradicionais e num harmonioso conúbio com as actuais tendências culinárias. Recordo, ainda de palato afiado e de grata saudade, uma succulenta massa “taglietelle all’ortica con asparagi e funghi” e uma virtuosa tortilha “tortino di punte d’ortica con salsa al peperone” com que nos presentearam numa sebastiana refeição em casa de uma amável família de agricultores dos arredores de Boves. Já noutra altura, em Cremona, me tinha surpreendido uma fantástica “frittata alle erbe” que incluía um picado salteado de urtigas e, em Bolzano, terra do aromático speck, o seu efeito decorativo num gordurento “risotto all’ortica” com queijo parmesão e vinho branco da região de Alto-Adige.



António Manuel Monteiro
Engenheiro Agrónomo

| SAÚDE E BEM ESTAR

Sociedades Longevas



A sociedade face ao aumento da longevidade, uma das suas maiores conquistas, tem novos e prementes desafios na análise e debate sobre o tema do envelhecimento e na definição de estratégias para a melhoria da qualidade de vida. Em dezembro de 2024, decorreu em Bragança a apresentação do projeto Novas Sociedades Longevas, que pretende promover o envelhecimento ativo e a inclusão com ações que contribuam para uma etapa de vida repleta de novas possibilidades e desafiantes oportunidades numa realidade promissora e de bem-estar. A emergência

de sociedades longevas, com alteração da estrutura etária da população, significa uma nova etapa para a humanidade e exige um compromisso de empenho e de construção em constante evolução. Implica mudanças relevantes nas normas sociais, diferentes abordagens da esperança e da qualidade de vida, e a garantia do desenvolvimento de políticas intergeracionais promovendo uma coexistência justa e sustentável para toda a população. A aposentação não deve ser um afastamento da esfera produtiva e social, mas sim um novo ciclo de vida ativa, de transição laboral,



com maior flexibilidade, mantendo uma sustentabilidade económica ao longo do tempo, reconhecendo os conhecimentos adquiridos como um real capital social, transferível para toda a comunidade.

O aumento da longevidade é por muitos considerada a maior e mais silenciosa revolução das sociedades modernas, em que o processo de transição demográfica, o impacto sobre a economia, as dimensões políticas, estruturais, laborais, sociais, culturais e de saúde entre outras vertentes, colocam diferentes desafios de desenvolvimento sustentável, para uma atempada resposta e adaptação no quadro de uma sociedade mais justa e próspera no futuro, em que

uma visão positiva da idade seja uma realidade.

Devemos saber reconhecer, identificar, avaliar e refletir nas oportunidades criadas com estas novas sociedades, gerando os conhecimentos essenciais de forma a dinamizar e implementar mudanças e soluções criativas e inovadoras, nomeadamente no que respeita à saúde, ainda com uma estrutura muito virada para a doença e não para o indivíduo, bem como uma melhor articulação entre as áreas social e de saúde. É fundamental que a prestação dos cuidados primários, hospitalares e preventivos tenham como foco não só viver mais, mas viver melhor. Entre a esperança média de vida e os anos de vida sau-

dável existe uma enorme disparidade, que urge alterar. Sejam audazes, gigantes, aceitemos os desafios e falemos sim, de esperança de vida saudável e de envelhecimento saudável e ativo em que o conceito do indivíduo idoso tem a capacidade de atuar na transformação e melhoria do bem-estar da sociedade. A esperança de vida, o envelhecimento e a longevidade continuarão a aumentar, pelo que, com determinação, direi, não há tempo a perder! Valorizemos as novas sociedades longevas em que a realidade social, económica, política, educacional e cultural seja colaborativa, dialogante, tecnológica, ativa, inovadora, produtiva, sustentável, mais equilibrada e mais saudável.



Eduarda Oliveira
Médica Pneumologista



FUNDAÇÃO AEP

Missão Internacional Bordéus e Toulouse

Os territórios portugueses têm desenvolvido uma estratégia consistente de internacionalização e de investimento no mercado global. Consta-se desse esforço, bons resultados no crescimento económico, na criação de emprego qualificado, no maior valor acrescentado nacional e ainda maior coesão territorial. Neste caminho, pretende-se dar mais contributos ao processo, alimentando-o com a dimensão estratégica da diáspora portuguesa e as vantagens que a mesma representa para a aceleração da internacio-

nalização e captação de investimento para os territórios. A missão teve lugar nos dias 11 a 14 de dezembro, com um conjunto de iniciativas dirigidas a empresários da diáspora portuguesa, particularmente a que está ligada, direta ou indiretamente, ao território do Ave e, em particular, ao concelho de Fafe. Para a organização da missão, a Fundação AEP contou, de forma direta e imprescindível, com o apoio da responsável da AICEP, Dr^a. Isabel Quintas, do delegado da AICEP em França, Dr. Eduardo Henriques, do Dr. Mário

Gomes, Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus, do Posto Consular de Toulouse e do Conselheiro das Comunidades Portuguesas, Dr. Vítor Oliveira. A missão foi iniciada com um encontro com o Presidente da delegação da CCIFP em Bordéus, Pierre Emanuelle de Oliveira. Nesta reunião debateu-se o clima económico, social e político de França e as consequências que tem na vida das comunidades portuguesas aí residentes. A reunião permitiu também apontar para soluções cooperação para a captação de investimento para Fafe. Realizamos um encontro com José Rodrigues-Lalande, um empresário oriundo de Fafe que é proprietário de quatro “Chateaux” na região de Bordéus e que é credor de grande reconhecimento na região pela gestão rigorosa e qualidade dos seus produtos. Na memória deste empresário estão bem vivas as recordações de Fafe, pelo que não negligencia a possibilidade de aí investir. A comitiva teve oportunidade de ser recebida e discutir as várias fórmulas de cooperação institucional com o Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus, Dr. Mário Gomes, a quem se apresentou o concelho de Fafe e a sua realidade empresarial,

bem como as várias oportunidades de investimento que apresenta. Com grande afinidade com o território de Fafe, Fernando Silva, empresário e, simultaneamente, Presidente da Academia do Bacalhau de Bordéus, descreveu o seu percurso e deu nota da situação da comunidade portuguesa na região da Occitânia. Fechamos com chave de ouro com um jantar com Fafenses no restaurante “Leitões du Foz” com a presença dos Conselheiros das Comunidades Portuguesas e Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus. A comissão seguiu para Toulouse, onde fomos recebidos na “Mairie” pelo seu vice-presidente, Jean-Claude Dardelet. A reunião com o responsável pela área de atividade económica, captação e dinamização de investimentos económicos, para o Município de Toulouse, foi vital para a compreensão do dinamismo desta região. A circunstância foi aproveitada para estimular a reciprocidade das aprendizagens, com convite apresentado pelo Presidente da Câmara Municipal de Fafe para visita ao território onde este concelho se situa e aí aperfeiçoar as fórmulas de cooperação bilateral. Visitamos o Parlamento Regional da Occitânia





onde reunimos com Nadia Pellefigue, Vice-presidente da região. Esta reunião contou com a participação de Nadia Pellefigue, Vice-Presidente da Região da Occitânia, a qual se comprometeu a fazer todos os esforços para aproximar as regiões, estabelecendo novas fórmulas de relações económicas, através de, entre outros dispositivos, encontros entre as empresas e cooperação ao nível do ensino e investigação. Realizamos um encontro com representantes das Confederações Patronais. Construção, Pequenas e Médias Empresas, Metalomecânica, Camara de Comércio Regional e Associação Empresarial da Região (FFBTP31, MEDEF31, CCI Occitanie, CPME31, UIMM Occitanie). Nesta reunião de trabalho, onde estavam presentes representantes de vários setores, nomeadamente, indústria aeronáutica e eletrónica, construção civil. Metalomecânica, saúde e segurança no trabalho, caminhou-se no sentido de uma efetiva aproximação de relações económicas, sobretudo ao nível empresarial. Participamos na inauguração do Salão Regional da Agricultura da Ocitânia. Encontro com a Presidente do Governo Regional, Carol Delga, na inauguração do certa-

me. Na sequência de convite apresentado, a comitiva foi recebida pela Presidente do Governo Regional, Carol Delga, na inauguração do certame Salon Régional de l'Agriculture de l'Occitanie. O programa da Missão terminou com um jantar com a comunidade portuguesa de Toulouse e representantes institucionais que saudaram a presença da comitiva. De acordo com os objetivos traçados, a Missão cumpriu integralmente o seu programa e propósito. Destaca-se o excepcional acolhimento dos agentes institucionais locais e a receptividade às mensagens passadas em cada apresentação do concelho de Fafe. Dos contactos com empresários radicados nas regiões visitadas, colheram-se algumas intenções de investimento que se espera vir a materializar em contacto direto com a região. Os contactos estabelecidos mostraram da parte dos envolvidos um excepcional entusiasmo e acolhimento à realidade do concelho apresentada. O interesse na visita ao território foi também suscitado pelo grande interesse turístico que a região suscitou nos contactos estabelecidos, prevendo-se visitas de operadores turísticos ao território.

in PORTUGUESE
TRANSLATION

16th SESSION

THE POSTHUMOUS MEMOIRS
OF BRÁS CUBAS

by Machado de Assis

Translated by Flora Thomson DeVeaux

Both author and translator will join us for
our meeting at PinT Book Club.
Wednesday, 12 March 2025

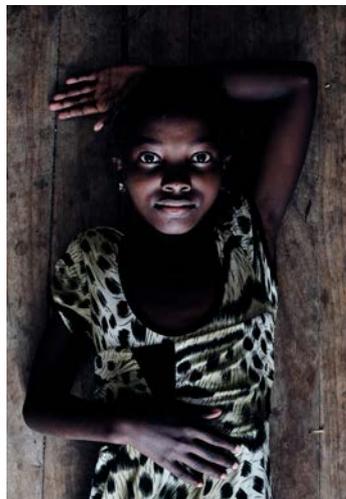
A I L D / R E I N O U N I D O

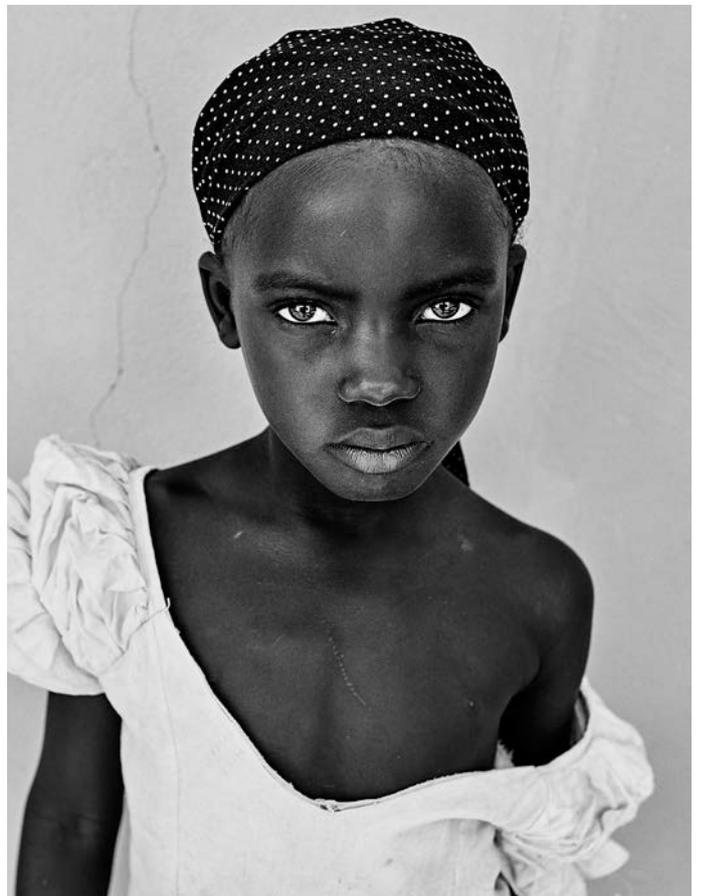




PELALENTEDE

Luís Godinho



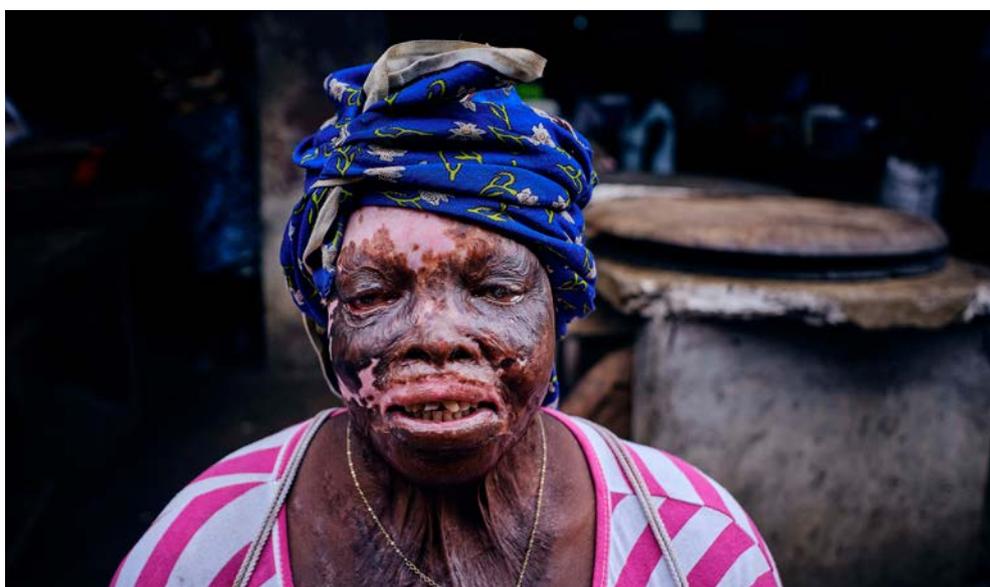


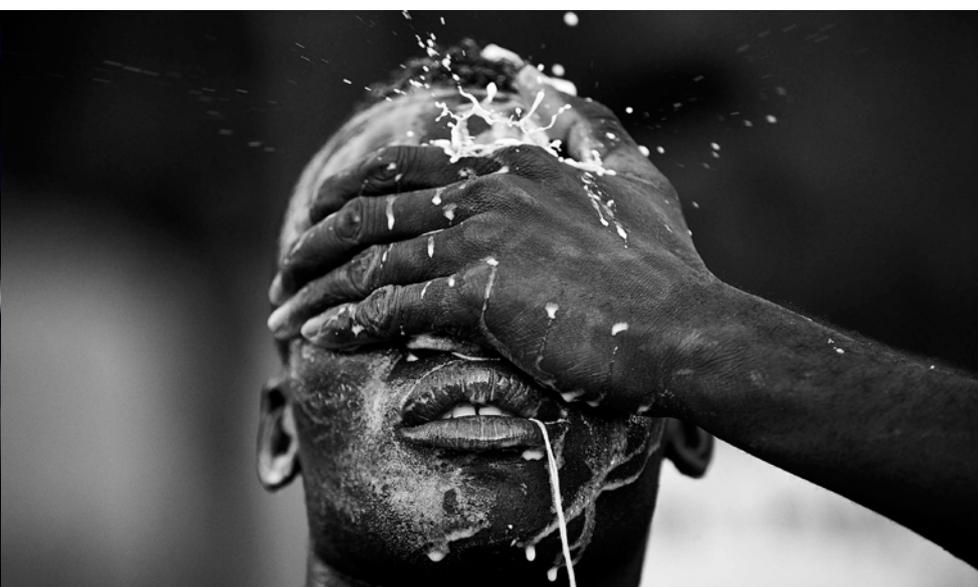
Luís Godinho nasceu em Angra do Heroísmo, em 1983.

Licenciado em Engenharia e Gestão Ambiental pela Universidade dos Açores, tem um vasto currículo como fotógrafo com destaque para a fotografia documental e fotojornalismo. Tornou-se fotógrafo profissional em 2017 e o seu trabalho é reconhecido internacionalmente pelos editores dos principais websites e revistas de fotografia, incluindo:

National Geographic, Leica Fotografie International, Lens Culture, 1X. Publicou também nos principais media portugueses como Visão, Público, Volta ao mundo, etc.

Vencedor e finalista de vários concursos internacionais, tem





também fotografias publicadas em vários livros internacionais de fotografia. Em 2017, ganhou o Primeiro Prémio dos Sony World Photography Awards. Mais tarde, foi condecorado duas vezes Câmara de Ouro no Concurso Fotógrafo Europeu (2023 e 2024), tendo sido também Câmara de Prata (2019, 2021 e 2022), de Bronze (2020) - todos na categoria de reportagem/fotojornalismo, prémios atribuídos pela Federação Europeia de Fotógrafos (FEP). Co-autor da série "Caixa Negra - Arca de Memórias Açorianas".

Atualmente vive na Ilha Terceira, Açores, Portugal, e trabalha como fotógrafo freelance em todo o mundo.



PROGRAMA REGRESSAR

Christina e Tony

Nove anos depois de uma vida na Suíça, a família regressou a Portugal, a dobrar!

Qual foi o país e quanto tempo estiveram emigrados?

O país de emigração foi a Suíça, onde vivemos durante nove anos. Foram anos marcados por experiências pessoais e profissionais extremamente enriquecedoras. A convivência com diferentes culturas, as aprendizagens e os desafios que enfrentamos ao longo desse período foram fundamentais para o nosso crescimento/desenvolvimento.

O que vos motivou a regressar a Portugal?

A motivação para o nosso regresso a Portugal foi impulsionada por várias razões pessoais e familiares. O nascimento do nosso segundo filho, e o facto de o nosso filho mais velho estar prestes a entrar no primeiro ciclo escolar, foram fatores determinantes. Sempre quisemos que os nossos filhos crescessem próximos da família. O regresso a Portugal

representou a oportunidade de oferecer aos nossos filhos uma educação num ambiente que consideramos mais familiar e feliz.

Emigraram dois e voltaram quatro?

Sim. A nossa família cresceu durante os anos que passámos na Suíça, onde tivemos os nossos dois filhos. Inicialmente, éramos apenas dois, mas ao regressarmos, já voltámos como uma família de quatro pessoas.

Que atividade estão a desenvolver neste momento e em que zona do país?

Neste momento, eu estou a trabalhar como enfermeira em Castro Daire, enquanto o meu marido é gerente de uma empresa de publicidade em Viseu.



Como conheceram os apoios financeiros do Programa Regressar?

Conhecemos os apoios financeiros através de uma empresa que contratamos para nos ajudar a tratar da documentação relacionada com o nosso regresso a Portugal. Inicialmente, fomos informados de que não teríamos direito ao apoio. No entanto, no Consulado Português de Genebra, fomos novamente informados sobre a existência do Programa Regressar. Quando voltamos a Portugal, dirigimo-nos ao Gabinete

de Apoio ao Emigrante do nosso município em Castro Daire, onde fomos recebidos com muita simpatia e prontidão e nos prestaram todos os esclarecimentos.

E como correu o processo de candidatura? Foi fácil ou complexo? Tiveram algum apoio?

A ajuda do Gabinete de Apoio ao Emigrante do nosso município, foi fundamental. Graças à ajuda deles, as nossas candidaturas foram realizadas com sucesso.

O Programa Regressar deseja muitas felicidades neste vosso regresso e muitos sucessos!

Programa Regressar



José Albano
Diretor Executivo do PCRE

A lighthouse on a pier at sunset. The lighthouse is white with a dark top section and a glowing light. The pier is made of wooden planks and has a dark railing. The sky is a warm, golden color, and the water is dark and calm.

| VIAGEM LUSITANA
Luz do Farol
Mala de Viagem da Vida

Abrir a Mala de Viagem da Vida é reviver as Recordações e no Presente olhar para o incógnito, assim como enigmático Futuro. A Vida é pegar na Mala, continuar a caminhar e com Fé, Esperança, mais Coragem procurar construir um Mundo melhor – Realizar Sonhos do Bem para a Humanidade. Coletar novas Recordações para a Mala de Viagem da Vida e oferecer às Futuras Gerações.

A primeira é feita antes do Bebê nascer.
A última após o Ser Humano morrer.
Que estranho objeto.
Imaginado e concreto.
Divino e Humano.
De madeira, couro, cartão ou pano.
Cada Mala é singular.
A Vida toda a acompanhar.
Ao longo do Tempo muda o conteúdo.
Caminho da Vida –
Repleto de pedras ou suave como veludo.
Cuidado! –
É preciso ser prudente.
A Malinha da Escola guarda Segredos.
Protege Caneta, Papel e Sonhos.
A/O Estudante diferente olhar.
Futuro? – Seriedade no pensar.
O primeiro Emprego um Desafio.
Quantas “Pérolas de Sucesso no fio”?
Não esquecer a Vida Particular.
Da Família ao Doce Lar.
Porém –
Do Nascido Olhar ao Coração.
Da Primeira Letra à Profissão.
A Vida um Enigma representa.
O Ser Humano o Futuro enfrenta:
Enigmas procuram Solução.
Fazer a Mala com concentração.
Significantes conteúdos
– possivelmente – universais.
Uns transcendentais, outros reais.
Outrora –
Caneta e Papel não esquecer.
Hoje –
Novas Tecnologias para escrever.
A Divina Rosa dos Ventos guia.
Para a Tristeza ou Alegria.

Com o Passado aprender.
No Presente para o Futuro viver.
O Farol símbolo do Porvir.
Cada “Missão da Viagem”
se procura cumprir.
A Viagem é o caminhar.
Com Saudade para a Meta olhar.
A rezar para a Porto Seguro chegar.
O Binóculo reflete a Esperança.
O Terço sinónimo de Confiança.
A Viagem da Vida
– nem sempre – oferece Rosas.
Por vezes – atravessa-se
o Mar das Lágrimas.
Do Nevoeiro à Tempestade.
Da Escuridão à Verdade.
No Caminho uma Montanha
a preocupar.
Um Abismo sem Ponte para passar.
Recordações contra o Esquecimento.
Cada Etapa chega a um Cruzamento.
Se acontecer. –
O que fazer?
Quatros Caminhos sem Descrição.
Como escolher a Decisão?
Ao longe uma Luz procurar.
Como um Farol à beira-mar.
Boas Palavras encontrar.
O Barco da Vida com Coragem navegar.
Por vezes –
O Conteúdo da Mala alterar.
A seguir –
Com Fé continuar a viajar.
Jamais esquecer:
“Não desistir!”
Viajar é viver!
Fé, Esperança & Coragem



Isalita Pereira
Historiadora
Poeta

também é sempre diferente (somos todos ensinados por um conjunto de pessoas diferente).

Ora, as tendências de determinados falantes ou regiões vão ganhando força, substituindo as tendências de outros falantes ou regiões — num jogo muito complexo e imperceptível ao «ouvido nu», este ou aquele som são trazidos para a frente do palco linguístico. Só um exemplo concreto: o som «tch» era muito comum no país inteiro. Por caminhos que são impossíveis de reconstruir, começou a recuar, a ser substituído pelo som «ch», que já existia, mas era usado apenas em certas palavras. Desta forma, perdeu-se a distinção que ainda hoje vemos, na ortografia, na diferença entre a letra «x» e o dígrafo «ch».

Estas mudanças não são apenas sonoras: acontecem no significado das palavras; na conotação que damos a cada palavra; nas nossas atitudes perante cada palavra (ou conjunto de palavras). Tudo isso muda ao longo do tempo — porque é ligeiramente diferente em cada falante. Na contínua negociação do significado das palavras, vamos sublinhando este significado e vamos apagando o outro; vamos começando a achar que esta palavra é menos aceitável — ou que afinal já podemos dizer esta outra palavra em qualquer situação. É um jogo subtil, complexo, difícil de descrever.

Como é que tão poucos reparam nesta mudança contínua?

Primeiro, porque a escrita e a existência de uma norma leva-nos a crer que a boa língua é a língua que existe, parada, nos dicionários e gramáticas na estante. Ora, nem nos dicionários nem nas gramáticas ela está parada, mas muitos estão convencidos de que sim. Mais do que isso: estas mudanças, que arrepiam tanta gente, fazem-se de forma lenta, ao longo de décadas ou séculos.

Depois, quando de facto notamos algumas das mudanças, um mecanismo mental que me parece existir em todas as sociedades leva-nos a crer que a mudança é sempre um erro. Como ainda há pouco tempo ouvi um linguista a dizer, com muita graça, todos nós aceitamos que a língua muda — só não gostamos da maneira como ela muda...

E, no entanto, ela muda! Continuando a olhar para os sons, podemos ver como o «r» português está a mudar neste preciso momento! E também podemos ver como a qualidade das vogais nas sílabas átonas é muito diferente da pintura que nos dá a escrita — não só o «o» se lê «u» em muitas sílabas átonas, como, em muitos casos, esse «u» tem já uma leitura muito mais sumida do que pensamos — numa conversa normal, o último «o» de «todo» já é uma vogal quase desaparecida.

Isto são apenas exemplos. Basta ouvir o discurso de um falante de 70 anos e outro de 17 anos numa qualquer terra portuguesa para vermos diferenças entre falantes vivos. Aliás, voltando atrás, basta ouvir dois falantes quaisquer para vermos como a língua não é igual em duas bocas...

Enfim, há palavras que ficam iguais durante muito tempo, outras que mudam rapidamente. Há sons que sofrem alterações que levam a mudanças noutros sons. As vogais, por exemplo, estão sempre a dançar um pouco, nunca estão fixas, pois o seu timbre depende da exacta forma que damos à boca e, por isso, ninguém produz uma vogal exactamente igual a outra pessoa. Quando a nuvem de sons em redor de uma letra vogal começa a aproximar-se de outra vogal, esta desloca-se para manter o mesmo grau de diferença (um mecanismo inconsciente que encontramos em várias línguas).

Quando uma língua tem uma norma escrita, a mudança irá desacelerar — a norma é uma força que tende a uniformizar a língua entre os falantes de cada época e, assim, pela lógica exposta acima, acaba por actuar como travão da mudança ao longo do tempo. No entanto, a norma não é um travão a fundo. A língua continua a mudar — e, com ela, a norma. O processo de mudança da norma costuma ser ligeiramente mais consciente e, por vezes, tem cariz político (e muito arbitrário). Já o processo praticamente invisível de constante desbaste e reconstrução das palavras — esse é suave, imperceptível, visível apenas quando olhamos para trás, para os séculos, e percebemos as diferenças nas fotografias tiradas no momento do registo escrito das palavras.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

FISCAL

Impostos Ocultos

O Peso Invisível no Orçamento dos Contribuintes

Ainda andamos todos, pessoas singulares e coletivas, a tentar perceber o impacto do Orçamento do Estado de 2025 nas nossas vidas, no nosso dia a dia: que impostos diretos e indiretos iremos suportar em 2025, se a carga fiscal diminuiu ou não em relação ao ano anterior, e se iremos ficar com mais dinheiro disponível. Enquanto a nossa atenção recai frequentemente sobre os impostos diretos e indiretos, há uma carga fiscal menos evidente, mas igualmente prejudicial: os impostos ocultos.

Os impostos ocultos correspondem a custos adicionais suportados pelos cidadãos e pelas empresas devido à ineficiência ou má gestão dos serviços e infraestruturas públicas. Estes custos representam uma forma de dupla tributação, pois, para além de financiarmos os serviços públicos através de impostos, somos frequentemente obrigados a assumir despesas extra para suprir as falhas desses mesmos serviços.

Exemplos de impostos ocultos

- Infraestruturas degradadas: Estradas em mau estado resultam em maiores despesas de manutenção de veículos e consumo de combustível.
- Sistema de saúde público ineficiente ou de difícil acesso: Obriga os cidadãos



a recorrerem a serviços privados, aumentando os encargos com cuidados médicos.

- Ensino público deficiente ou de difícil acesso: Famílias são levadas a investir em escolas privadas ou explicações para garantir a qualidade do ensino.
- Segurança pública limitada: O reforço da segurança pessoal exige despesas com sistemas ou serviços privados.
- Transportes públicos inadequados: A falta de alternativas eficientes força a dependência de transporte próprio, elevando os custos de deslocação.
- Má gestão ambiental: Conduz a problemas de saúde pública e à desvalorização de propriedades.
- Excesso de burocracia: Impõe custos adicionais, como deslocações e contratação de serviços para cumprir obriga-

ções legais ou a prática da “cunha” e do suborno.

Os impostos ocultos têm um impacto significativo no orçamento das famílias e das empresas, minando o poder de compra e a competitividade económica. Além disso, promovem práticas prejudiciais, como a “cunha” ou o suborno, frequentemente associadas a falhas na gestão pública. Um exemplo recente foi o caso amplamente debatido do hospital de Santa Maria, o caso dos €4 milhões, que todos seremos chamados a suportar.

Reduzir os impostos ocultos exige medidas concretas que promovam a eficiência e a transparência na gestão pública. É necessário um compromisso cívico robusto, bem como mecanismos de monitorização e responsabilização. Este tema será aprofundado no próximo artigo, onde exploraremos estratégias práticas para mitigar esta carga invisível.

A consciencialização é o primeiro passo para exigir serviços públicos de qualidade e uma gestão que respeite os contribuintes. Apenas com um envolvimento ativo da sociedade será possível construir um sistema público mais justo e eficiente.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Pronto para tornar sua marca inesquecível?
A Amostra de Letras tem experiência e criatividade para ajudar a sua marca a causar um impacto duradouro. Deixe-nos ajudá-lo a expandir os seus negócios e a posicionar-se no mercado.

Entre em contacto para discutir o potencial da sua marca.
info@amostradeletras.pt

amostra
deletras.pt

Want to live in Portugal?



Get the number one agency

We take care of everything from day one. All the pre departure arrangements, visas, documentations, bank accounts, transportation, health services or schools. All you need to live in Portugal

Ei![®]
Assessoria
Migratória

eimigrante.pt